

**TURISMO E EMIGRAÇÃO: QUANTIFICAÇÃO DAS DESPESAS DOS EMIGRANTES DURANTE A  
SUA ESTADA NA ILHA DE SÃO VICENTE**

Christlaine Cilene Neves Veríssimo Lima

SÃO VICENTE, MARÇO DE 2014

**TURISMO E EMIGRAÇÃO: QUANTIFICAÇÃO DAS DESPESAS DOS EMIGRANTES DURANTE A  
SUA ESTADA NA ILHA DE SÃO VICENTE**

Christlaine Cilene Neves Veríssimo Lima

Orientador: Mestre Américo Lopes

SÃO VICENTE, MARÇO DE 2014

*Dedico este trabalho a minha mãe, pela luta incessante e pelos esforços para que eu pudesse concluir os meus estudos, a memória do meu pai, que apesar de muito distante dos meus olhos viverá eternamente no meu coração e ao meu marido por todo o amor e apoio que me tem dado.*

## **Agradecimentos**

A vida é feita de desafios e superar mais este é uma grande satisfação. Relembrar os momentos de angústia, medo, risos, convivência, das dificuldades e principalmente das grandes amizades que com certeza irão perdurar, faz-nos sentir que cada instante vivido valeu a pena e que com persistência e ajuda daqueles que nos querem bem tudo poderá se realizar.

Então é com todo o prazer que agradeço a todos aqueles que de uma forma ou de outra participaram desta etapa da minha vida. Agradeço especialmente a minha mãe por se ter sujeitado a emigrar para que eu pudesse completar os meus estudos superiores. Agradeço a minha família, ao meu marido Edivaldo Lima por todo o amor, pela sua dedicação, e por ter sido o meu suporte durante este período.

A minha querida avó Paula Andrade por todo carinho que me tem dedicado, aos meus irmãos pelo amor, minha enteada, as minhas cunhadas e a minha sogra pelos afectos demonstrados.

Ao meu orientador, professor Américo Lopes, pela excelente orientação e por me ter facultado a experiência de partilhar do seu conhecimento.

Aos colegas em especial, a Auxiliadora Barreto, Enia Fernandes, Jeniffer Lima e Vânia Delgado por todos os bons momentos que juntos passamos, pelo carinho demonstrado, pelas palavras de incentivo e principalmente pela grande amizade.

Ao Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais (ISCEE), por me ter acolhido, aos professores do Curso de Turismo pelos conhecimentos transmitidos e pela contribuição que deram a minha formação.

Agradeço ainda a Câmara Municipal de São Vicente pela bolsa de estudos concedida.

## **Resumo**

A mobilidade é uma característica que faz parte do Homem, e que tem vindo a acompanhá-lo ao longo dos séculos, isto devido à busca incessante de melhores condições de vida. Assim, esta tem ganhado diversas formas e as migrações e o turismo constituem duas delas.

Neste sentido, este trabalho tem como objectivo principal contribuir para quantificar as despesas que os emigrantes efectuam quando da sua estada no seu país natal, isto é, as despesas do mercado turístico denominado de Visita a Familiares e Amigos (VFA).

Assim pode-se concluir que os emigrantes efectuam durante a sua estada na ilha de São Vicente as maiores despesas totais por grupo, diárias por grupo e diárias por pessoa em Serviços pessoais, Telefone e outras comunicações, logo seguido das despesas em alimentação e bebidas.

Em termos da estrutura das despesas propriamente dita estes efectuam as maiores despesas totais no destino, diárias por grupo e diárias por pessoa na aquisição de produtos alimentares em supermercados, *take away ou fast food* ou em outros estabelecimentos comerciais, seguido dos transportes, nomeadamente em alugueres de automóveis sem condutor (Rent-a-car), actividades recreativas, compras.

Ainda este estudo permitiu concluir que nas visitas realizadas anteriormente à ilha, os emigrantes gastaram em média mais do que na actual viagem em despesas totais por grupo no destino.

## **keywords**

Tourism, Emigration, Visitor expenditures, Island of S. Vicente

## **Abstract**

Mobility is a natural trait of man and has been following him over the centuries. This is due to incessant search for continuous life improvement. Thus, it has taken several forms, including migrations and tourism.

In this regard, this work is aimed mainly to quantify the expenditures of the emigrants during their visit to their homeland, we mean, the expenditures of the touristic market known as Visits to Friends and Relatives (VFR).

So, we may conclude that emigrants spend the highest group expenditures, group daily charges and personal daily charges in personal services, phone and other means of communication, followed by food and drink expenses during their stay on the island of S. Vicente.

In terms of the structure of the proper expenditures, they spend the highest total expenditures at the destination, in group daily charges and personal daily charges in purchasing food products in supermarkets, take away or fast food or in other shops, followed by transport, namely Rent-a-car and shopping.

This study has also shown that emigrants have spent more in the former visits to the island, than in the current trips in total expenditures by group at the destination.

.

# Índice

Capítulo 1.	Introdução.....	1
Capítulo 2.	A delimitação do turismo como fenómeno económico .....	5
2.1	Introdução.....	5
2.2	O conceito de turismo e turista.....	5
2.2.1	O enfoque económico da procura turística.....	8
2.2.1.1	Despesas Turísticas .....	13
2.2.2	Enfoque económico da oferta turística.....	16
2.3	Conclusões .....	20
Capítulo 3.	A emigração em Cabo Verde.....	21
3.1	Introdução.....	21
3.2	Movimentos migratórios .....	21
3.3	A emigração cabo-verdiana .....	24
3.3.1	Causas da emigração Cabo-verdiana.....	26
3.3.2	As fases da emigração cabo-verdiana .....	27
3.3.3	A relação entre a Diáspora, e o Desenvolvimento Económico .....	28
3.3.3.1	Remessas dos Emigrantes.....	30
3.4	Conclusão .....	32
Capítulo 4.	A ilha de São Vicente na perspectiva turística.....	33
4.1	Introdução.....	33
4.2	A oferta turística da ilha de São Vicente.....	33
4.3	Procura turística.....	36
4.4	Conclusão .....	38
Capítulo 5.	Metodologia do estudo empírico.....	39
5.1	Introdução.....	39
5.2	Metodologia utilizada para elaboração do estudo.....	39
5.3	Identificação da população em estudo.....	40
5.4	Métodos de recolha de dados.....	42
5.5	Conclusão .....	43
Capítulo 6.	Apresentação e discussão dos resultados .....	44
6.1	Introdução.....	44
6.2	Caracterização do perfil dos inquiridos.....	44
6.3	Caracterização da viagem .....	48
6.4	Motivos da visita a ilha.....	49
6.5	Principal meio de alojamento e transporte utilizado .....	50
6.6	Actividades praticadas durante a estada na ilha de São Vicente .....	51
6.7	Características do grupo da viagem.....	52
6.8	Companhia aérea utilizada .....	52
6.9	Despesas turísticas efectuadas pelos emigrantes durante a sua estada na ilha de São Vicente.....	53
6.10	Avaliação do destino .....	57
6.11	Conclusão.....	58
Capítulo 7.	Conclusão .....	60
	Referências bibliográficas .....	64
	Anexos .....	69

## Índice de Tabelas

Tabela 2.1: Diferentes tipos de consumo turístico e os tipos de turismo da qual estes advêm, tendo em conta a origem dos visitantes .....	11
Tabela 2.2: Produtos e Actividades característicos do turismo .....	19
Tabela 4.1: Potencialidade e atractivos da ilha de São Vicente.....	34
Tabela 6.1: Motivações de viagem dos visitantes .....	50
Tabela 6.2: Estrutura das despesas dos emigrantes .....	54
Tabela 6.3: Estrutura das despesas dos emigrantes em alimentos e bebidas .....	54
Tabela 6.4: Estrutura das despesas dos emigrantes em Transporte .....	55
Tabela 6.5: Estrutura das despesas dos emigrantes em actividades recreativas culturais e desportivas .....	56
Tabela 6.6: Estrutura das despesas dos emigrantes em compras.....	56
Tabela 6.7: Estrutura das despesas dos emigrantes em outras despesas .....	57
Tabela 6.8: Avaliação do destino .....	58



## Índice de Figuras

Figura 2.1: Componentes do Consumo Turístico .....	11
Figura 2.2: Delimitação das despesas Turísticas .....	14
Figura 2.3: Classificação da Oferta Turística .....	18
Figura 3.1: Número de cabo-verdianos emigrados no período 2005-2010 por Município .....	25
Figura 3.2: Distribuição dos cabo-verdianos emigrados por sexo durante o período 2005 a 2010 .....	25
Figura 3.3: Evolução do volume de remessas, em milhões de escudos, 2000 – 2008 .....	31
Figura 3.4: Evolução da participação das remessas dos emigrantes no PIB durante o período 2000 a 2007 ..	31
Figura 3.5: Volume de remessas por países no ano 2008 .....	31
Figura 4.1: Evolução dos Estabelecimentos na ilha .....	35
Figura 4.2: Tipos de Estabelecimentos existentes .....	35
Figura 4.3: Evolução da oferta da ilha .....	36
Figura 4.4: Evolução das entradas e das dormidas .....	37
Figura 4.5: Taxa de ocupação dos Estabelecimentos Hoteleiros .....	37
Figura 4.6: País de residência dos hóspedes .....	37
Figura 4.7: Número de hóspedes residentes que utilizaram os Estabelecimentos Hoteleiros .....	37
Figura 4.8: Número de Dormidas por País de residência .....	38
Figura 4.9: Número de dormidas dos residentes que utilizaram os Estabelecimentos Hoteleiros .....	38
Figura 5.1: Modelo de identificação das despesas que os visitantes internacionais (emigrantes) efectuam durante a sua estada na ilha de São Vicente .....	40
Figura 6.1: Sexo dos Inquiridos .....	44
Figura 6.2: Idade dos Inquiridos .....	44
Figura 6.3: Estado Civil dos Inquiridos .....	45
Figura 6.4: Habilitações Literárias dos Inquiridos .....	45
Figura 6.5: Situação dos inquiridos perante o trabalho .....	45
Figura 6.6: Número de pessoas do agregado familiar dos inquiridos .....	46
Figura 6.7: Rendimento mensal do agregado familiar dos inquiridos .....	46
Figura 6.8: País de residência dos Inquiridos .....	47
Figura 6.9: Ano de Emigração dos Inquiridos .....	47
Figura 6.10: Inquiridos possuem dupla Nacionalidade .....	47
Figura 6.11: Outra condição .....	47
Figura 6.12: Frequência de visita a ilha .....	48
Figura 6.13: Inquiridos que responderam raramente .....	48
Figura 6.14: Período da visita .....	49
Figura 6.15: Ilhas que costumam visitar .....	49
Figura 6.16: Meio de alojamento utilizado .....	51
Figura 6.17: Meio de transporte utilizado .....	51
Figura 6.18: Actividades praticadas durante a estada .....	51
Figura 6.19: Companhia de viagem .....	52
Figura 6.20: Nº de crianças no seio do grupo .....	52
Figura 6.21: Companhia aérea utilizada .....	53
Figura 6.22: Outras companhias aéreas utilizadas .....	53

## Glossário

CITAT - Classificação Internacional das Actividades Turísticas

CPT - Código de Produtos Turísticos

CST - Conta Satélite do Turismo

DGT - Direcção Geral do Turismo

IAPE - Instituto de Apoio as Comunidades

INE - Instituto Nacional de Estatística

MDC- Ministério das Comunidades

MECC - Ministério da Economia, Crescimento e Competitividade

OCDE- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ONU - Organização das Nações Unidas

OMT - Organização Mundial do Turismo

OIM - Organização Internacional para as Migrações

PIB - Produto Interno Bruto

RTE - Remessas dos Trabalhadores Emigrantes

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

UNWTO - Organização Mundial do Turismo

VFA - Visita a Familiares e Amigos

## Capítulo 1. Introdução

O Turismo como actividade económica tem vindo a ser considerada como uma das mais dinâmicas e de maior crescimento a nível mundial, tornando-se um dos sectores chaves para o desenvolvimento da economia de alguns países, e ainda como principal fonte de renda de muitos (Cater e Goodall, 1997).

Na mesma perspectiva Sharpley e Telfer (2002), citado por Lopes (2010, p.31) afirmam que “o turismo tem sido muitas vezes considerado como uma grande oportunidade de desenvolvimento, funcionando como um motor de desenvolvimento económico e catalisador de mudanças estruturais nas economias locais”.

Assim, de acordo com os dados da Organização Mundial do Turismo - OMT (2012) no ano 2012 bateu-se o recorde de 705 milhões de turistas no período entre Janeiro e Agosto, assinalando um aumento de 4 pontos percentuais relativamente ao período homólogo de 2011, tendo no mês de Dezembro, alcançado 1 Bilhão de turistas. O sector turístico em Cabo Verde também tem acompanhado esta dinâmica de crescimento, registando no ano 2012 cerca de 534 mil hóspedes, correspondendo a um acréscimo de 12,3% face ao ano 2011 (Instituto Nacional de Estatísticas – INE, 2013).

Face a este crescimento registado ao longo dos anos o Governo de Cabo Verde “assumiu o turismo como um dos motores de desenvolvimento do país, pelo seu impacto em termos de geração de emprego, de rendimento e de desenvolvimento de uma forma geral (...)” (MEEC e DGT, 2010, p.11).

Contudo, convém salientar que o contributo do turismo para o desenvolvimento do destino provém em parte das despesas que os visitantes efectuam no destino. Como referenciado pela OMT (1999), citado por Eusébio (2006, p. 45) “da mesma forma que o visitante é o núcleo da actividade turística, o seu consumo é o núcleo da avaliação económica no turismo”. Assim, o consumo turístico compõe um dos elementos-chave nos estudos de avaliação do impacte económico do turismo.

É neste sentido, que no âmbito deste estudo que tem como título **Turismo e Emigração: Quantificação das despesas dos Emigrantes durante a sua estada na ilha de São**

**Vicente**, objectiva-se quantificar as despesas que os emigrantes efectuam durante a sua estada na ilha de São Vicente.

Pela importância cada vez mais crescente do papel do emigrante no desenvolvimento dos destinos, tal como defendido por Cirino (2008, p.68) que afirma que “neste início de novo milénio, o emigrante já não se enquadra num projecto em que emigra para destinos longínquos sem nunca mais voltar à sua terra de origem, estando mais próximo de ser um visitante regular ao seu país de origem e mantendo vivas ligações sociais, económicas, políticas, comerciais, entre outras.” Assim segundo a mesma “várias formas de migração geram fluxos turísticos, os migrantes tornam-se turistas ao voltar ao seu país de origem com o objectivo de visitar familiares e amigos.” (Cirino, 2008, p.69).

Dessa forma, King (1984) citado por Williams e Hall (2000), que por sua vez foi citado por Cirino (2008, p. 68), afirma que “as viagens de regresso representam em si um mercado turístico indiscutivelmente importante, particularmente para as regiões relativamente empobrecidas, característica da grande parte dos locais de origem dos emigrantes”.

Assim, dada a esta importância atribuída a este nicho de mercado e para dar resposta ao objectivo deste trabalho que é quantificar as despesas que os visitantes (emigrantes) efectuam durante a sua estada na ilha de São Vicente definiu-se um conjunto de objectivos específicos:

- Analisar as diferentes teorias e conceitos relacionados com o tema em estudo (turismo, despesas turísticas e emigração), recorrendo as nomenclaturas definidas no âmbito da Conta Satélite do Turismo e ainda analisar um conjunto de trabalhos científicos efectuados noutras paragens e publicados em revistas científicas internacionais;
- Fazer a caracterização da ilha de São Vicente enquanto destino turístico;
- Desenvolver uma metodologia de investigação empírica que permita quantificar as despesas efectuadas pelos emigrantes durante a sua estada na ilha de São Vicente;
- Identificar e Quantificar as despesas efectuadas pelos emigrantes durante a sua estada;

Em termos metodológicos e para dar resposta aos objectivos definidos nesta investigação e para uma melhor compreensão do objecto em estudo, optou-se por efectuar uma revisão bibliográfica delimitando o turismo na perspectiva económica, tendo em conta as nomenclaturas definidas no âmbito da Conta Satélite do Turismo, estabelecendo uma relação entre o turismo e a emigração, e ainda analisou-se um conjunto de estudos publicados em revistas científicas internacionais.

Num segundo momento utilizou-se informações secundárias de instituições ligadas ao turismo, nomeadamente do INE e do MECC e informações publicadas pela Câmara Municipal de São Vicente, para se fazer a caracterização da ilha de São Vicente enquanto destino turístico.

De seguida fez-se a selecção do melhor método de investigação, que se adapte ao problema em estudo. Neste caso para quantificação das despesas dos emigrantes, a escolha recai sobre os métodos quantitativos, que nos permitiu obter informações primárias, uma vez que não há uma fonte de informação segura, que assegure os objectivos do estudo. Assim, aplicou-se inquéritos por questionário aos emigrantes que visitam a ilha de São Vicente. E por fim foi utilizado o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Science*) que permitiu fazer uma análise das respostas obtidas dos inquéritos por questionário.

Assim, este trabalho encontra-se estruturado em sete capítulos, sendo uma parte introdutória, fazendo o enquadramento e a problematização do tema em estudo.

No segundo capítulo analisou-se o turismo na perspectiva económica, recorrendo a análise das nomenclaturas definidas no âmbito da Conta Satélite do Turismo. No terceiro capítulo fez uma análise sobre a emigração e a sua contribuição no desenvolvimento dos países.

A caracterização da ilha de São Vicente como destino turístico foi apresentada no quarto capítulo, para que no quinto capítulo fosse apresentado a metodologia de estudo empírico que permitiu quantificar as despesas que os visitantes emigrantes efectuam durante a sua estada na ilha de São Vicente.

No sexto capítulo foram apresentados e discutidos os resultados desta investigação, para que no sétimo capítulo fosse apresentado as conclusões do trabalho e recomendações para futuras investigações.

## Capítulo 2. A delimitação do turismo como fenómeno económico

### 2.1 Introdução

Nos tempos que se correm o turismo tem vindo a ser para muitos países um ponto facilitador, que quando bem estruturado poderá levar a um desenvolvimento dos mesmos.

Contudo, existe uma problemática no que diz respeito à definição de um conceito único, universal a este fenómeno. Assim, os conceitos que se tem criado sobre o mesmo, tem vindo a defini-lo de acordo com o ponto de vista de cada autor, entidade ou organismo.

Deste modo, no âmbito da realização deste estudo, no capítulo que se segue será feita uma conceptualização do turismo, do ponto de vista económico, tendo como principal objectivo fazer a delimitação do turismo como uma actividade económica.

Assim para se chegar ao objectivo pretendido, este capítulo está estruturado da seguinte forma: num primeiro momento foi feita a conceptualização do turismo do ponto de vista económico, seguindo a ideologia de diferentes autores, de seguida foi feita caracterização do turismo do ponto de vista da procura e do ponto de vista da oferta, onde se deu ênfase à sua definição e composição, segundo a Conta Satélite do Turismo.

### 2.2 O conceito de turismo e turista

Os efeitos do turismo que tem vindo a ser registados no mundo faz com que governantes e organismos internacionais, pensem e vejam o turismo como uma forma para alcançar o desenvolvimento, tanto a nível local como também regional e nacional.

Assim sendo, Lopes (2012, p.4) afirma que o turismo “é considerado por muitos como um motor de desenvolvimento socioeconómico e factor principal de desenvolvimento de vários destinos”.

Neste sentido, Cunha (2006, p.232) afirma também que “o turismo integra os motores fundamentais de desenvolvimento, pelo que actua como propulsor do processo de crescimento económico”. Assim Ansarah (2000, p.11) defende que “o turismo muito mais

do que um sector é uma actividade económica que se estende de forma directa por vários sectores da economia, e de forma indirecta por todos os demais factores”.

Contudo, Lopes (2010) afirma que apesar da importância que lhe tem vindo a ser atribuída ao turismo, ainda não se chegou a um consenso quanto à sua conceptualização, isto, devido a ambiguidade de agentes que se encontram envolvidos no processo turístico.

Nesta perspectiva Cunha (2006, p.228) afirma que “devido a heterogeneidade da actividade turística, que faz com que seja difícil, conceber o turismo, mesmo a nível conceptual, como uma actividade económica autónoma (...)”, afirmando ainda que “mais do que um sector económico, a actividade turística, apresenta-se, sob forma de sectores agrupados, ainda que mutuamente complementares”.

Esta ambiguidade na conceptualização do turismo também é explicado por Smith (1990) citado por Eusébio (2006, p.8) que defende que “a variedade nas definições existentes de turismo se deve ao facto de os investigadores em turismo o definirem de acordo com a sua própria formação académica e perspectiva pessoal”. Assim, Leiper (1993) citado por Eusébio (2006, p.8) reforça que:

*“para aqueles que trabalham na área de Marketing, o turismo é definido como um mercado, já cientistas sociais tendem a referi-lo de acordo com a dimensão humana dos turistas como o factor central, os ambientalistas focam, principalmente, os impactes ambientais e definem-no como um sistema integrado enquanto que os economistas interpretam o turismo, essencialmente, pelos seus resultados económicos e definem-no como uma indústria”.*

Assim pode-se verificar que a ambiguidade de conceptualizações no turismo deve-se ao facto mencionado pelos autores acima citados, da percepção que diferentes profissionais, de diferentes áreas, têm deste fenómeno.

Nesta perspectiva Mastella (1997) defende que a primeira definição do turismo foi dada possivelmente pelo economista austríaco Herman Von Schullard em 1910, sendo que este o definiu como "a soma das operações, principalmente de natureza económica, que estão directamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região."



Por sua vez, Lage e Milone (1998, p.30), afirmam que:

*“o turismo na sociedade moderna, pode ser definido como um conjunto de actividades económicas incluindo, transportes, hospedagens, agenciamento de viagens e práticas de lazer, além de outras acções metodológicas que produzem riquezas e geram empregos para muitas regiões e países”.*

Por outro lado, a Convenção das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento, citado por Cunha (2006, p. 230) define o turismo como “um conjunto de actividades industriais e comerciais, que produzem bens e serviços consumidos total ou parcialmente, pelos visitantes estrangeiros e por turistas nacionais.

Com base nestas definições apresentadas anteriormente pode-se constatar a não existência de um consenso à volta do conceito do turismo. Devido a este conflito de conceito, a OMT (Organização Mundial do Turismo) juntamente com a ONU (Organização das Nações Unidas) criaram uma definição que pudesse gerar um consenso entre os agentes do sector. Assim definiram o turismo como sendo “as actividades desenvolvidas por **uma pessoa** durante a viagem, estadia fora do seu ambiente habitual, por um período inferior a um ano para lazer, negócio ou outros motivos” (OMT, 1999, p.1), e a essa pessoa que viaja, a OMT, designou de visitante. Assim, torna-se necessário e de grande interesse para o estudo, definir o “visitante”, sendo este a pessoa que efectua a viagem, constitui um dos principais actores da actividade turística, pois é ele que ao efectuar gastos no local de destino, vai contribuir para a entrada de divisas no mesmo.

Neste sentido pode-se dizer que a OMT (1999, pg.147) definiu o visitante como “qualquer indivíduo que viaje a um local que esteja fora do seu ambiente habitual por um período inferior a doze meses e cujo motivo principal da visita não seja o de exercer uma actividade remunerada no local visitado”.

Segundo o mesmo, os visitantes podem ser classificados de acordo com o seu país de origem, em que estes podem ser visitantes domésticos ou internacionais, sendo que este considera o **visitante doméstico**, como composto pelos residentes de um país que se deslocam para fora da sua residência habitual, mas para destinos dentro do seu próprio país, por vários motivos. Enquanto o **visitante internacional**, é todo aquele que viaja para fora do seu país de residência habitual por um período inferior a um ano, tendo como principal

motivo o não exercício de uma actividade remunerada no local visitado. Tendo em conta a duração da viagem, este visitante pode ser classificado em excursionista ou turista. Por **turista**, todos os indivíduos que viajam ou visitam o local, passando uma ou várias noites, por um motivo que não seja o de exercer uma actividade remunerada no local visitado. Já o **excursionista** é aquele que não pernoita no local visitado e que normalmente faz parte do turista interno, mas que no entanto, podem ser internacionais (OMT, 1999, pgs.18-20)

Também a OMT sentiu a necessidade de definir o ambiente habitual, como” os limites geográficos no interior dos quais um indivíduo se desloca na vida quotidiana, excepto por motivos de lazer e de recreio”.

Assim, no âmbito desse estudo, serão contemplados, apenas os **turistas internacionais**, sendo que estará em estudo, o retorno dos emigrantes ao país de origem, que como já foi citado antes, esta viagem ao país de origem faz com esses sejam classificados como turistas.

### 2.2.1 O enfoque económico da procura turística

Conhecido também como demanda, a procura é mencionada por Lopes (2010, p.13), como um dos factores que faz mover as economias.

Segundo Cooper *et al.* (2007, p.66) a procura turística é definida de acordo com as percepções tanto de um sociólogo, psicólogo, economista ou geógrafo. Enquanto a abordagem económica, introduz o conceito de elasticidade, um psicólogo a vê a partir da perspectiva da motivação e do comportamento, os geógrafos a definem como “o número total de pessoas que viajam, ou que gostariam de viajar, para utilizar instalações e serviços em lugares afastados dos seus locais de trabalho e de residência (Mathieson e Wall, 1982 citado por Cooper *et al.* 2007).

Sendo que cada abordagem tem a sua utilidade, na perspectiva do economista, Gonçalves (2008, p.25) a procura é definida como “as várias quantidades de um determinado bem ou serviço que os consumidores podem e querem adquirir, a diversos preços alternativos, em um determinado período de tempo, permanecendo tudo o mais constante (...).

Segundo Beni (1997, p. 211) a procura em turismo, “é um compósito de bens e serviços, não demanda de simples elementos ou de serviços específicos isoladamente considerados”.

Ansarah (2000, p. 28) definiu também a procura turística como “um conjunto de consumidores de bens e serviços turísticos”.

Ainda, Boiteux e Werner (2009, pgs 8-9) definiram a procura turística, como “o número de pessoas que viajam ou desejam viajar para poder usufruir de facilidades turísticas e dos serviços em locais diferentes daqueles em que trabalham e residem habitualmente”.

Pode-se então verificar uma diversidade de conceitos propostos por vários autores, o que leva a mais uma ambiguidade de conceitos e consequentemente a falta de uma definição aceite universalmente.

Resultante deste problema, em 1999, através do livro Conceptual da Conta Satélite do Turismo, a OMT, criou uma definição de procura turística, que fosse aceite universalmente. Neste sentido, no âmbito da realização deste estudo, que tem como objecto analisar as despesas efectuadas pelos emigrantes no retorno ao local de origem, nesse caso a ilha de São Vicente, optou-se por seguir o conceito de procura turística apresentado pela Conta Satélite do Turismo, assim esta foi definida como sendo composta por três componentes essenciais, sendo estes: o **consumo turístico colectivo**, o **consumo turístico individual** e a **formação bruta de capital fixo turístico** (OMT, 1999).

Desta forma o consumo turístico colectivo foi definido pela OMT (1999, p.144), como:

*“todas as despesas das autoridades públicas em certos serviços colectivos não mercantis, utilizados pelos visitantes e pelas actividades produtivas que os servem”, ou seja as despesas efectuadas pelas autoridades públicas na “promoção turística, planificação geral e coordenação relativa a assuntos turísticos, elaboração de estatísticas e informação de base sobre o turismo, administração agências de informação, controlo e regulamentação dos estabelecimentos em contacto com os visitantes, controlo específico dos visitantes que provêm do exterior e serviços específicos de defesa civil para a protecção dos visitantes” (OMT, 1999, p. 81).*

Por sua vez, a definição dada ao consumo turístico individual foi “despesas totais de consumo efectuadas por um visitante ou por conta de um visitante para e durante a sua viagem e permanência no local de destino” (OMT, 1999, p. 144).

Em relação a formação bruta de capital fixo turístico, este foi definido como sendo, “a soma da formação bruta de capital fixo em activos fixos produzidos específicos do turismo por todas as actividades produtivas da economia e a formação bruta de capital fixo dos ramos da actividade comercial turística em activos fixos não especificados do turismo” (OMT, 1999, p. 146), por exemplo, restaurantes e construções similares, hotéis e outras residências colectivas, museus e centros culturais, construções desportivas e de recreio, infra-estruturas necessárias para um bom funcionamento dos transportes (marítimo - fluviais, aéreos, ferroviários e rodoviários), equipamentos específicos para hotéis, acomodações públicas, restaurantes, etc. (OMT, 1999, p.80).

Contudo, de acordo com Eusébio (2006, p.16) das componentes da procura turística citados, o consumo turístico individual revela-se o de maior impacte nas economias dos destinos turísticos, considerando ainda que tanto o consumo turístico colectivo, como a formação bruta de capital fixo, em determinados destinos turísticos e períodos possam deter um peso muito significativo no valor total da procura turística.

Assim, no percurso da elaboração deste estudo, dar-se-á mais atenção ao consumo turístico individual, uma vez que estará em análise as despesas efectuadas pelos emigrantes, em visita ao país natal, ou seja consumo turístico individual (despesas) realizado na ilha de São Vicente.

Neste sentido, a OMT (1999, p.23) afirma que existem diferentes tipos de consumo turístico, que se encontram relacionados pelos diversos tipos de turismo praticados, e que serão apresentados na tabela 2.1:

Tabela 2.1: Diferentes tipos de consumo turístico e os tipos de turismo da qual estes advêm, tendo em conta a origem dos visitantes

<b>Tipos de Consumo Turístico</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo de Turismo</b>
<b>Consumo Turístico Interno</b>	Consumo que resulta directamente das viagens efectuadas pelos residentes no interior do seu país de residência.	Turismo Doméstico ou Interno
<b>Consumo Turístico Emissor</b>	Consumo turístico que resulta directamente das viagens dos residentes para outros países que não seja aquele em que residem.	Turismo Emissor
<b>Consumo Turístico Receptor</b>	Consumo turístico, que resulta directamente de visitantes não residentes, para e no interior da economia de compilação	Turismo Receptor
<b>Consumo Turístico Interior</b>	Todas as despesas de consumo efectuadas pelos visitantes da economia de compilação quer sejam residentes ou não.	Turismo Doméstico + Turismo Receptor = <b>(Turismo Interior)</b>
<b>Consumo Interior Turístico</b>	Cobre todas as despesas de consumo turístico que tem lugar na economia de compilação.	Turismo Doméstico + Turismo Receptor e parte do Turismo Emissor
<b>Consumo Turístico Nacional</b>	Todo o consumo turístico por parte dos visitantes residentes, seja qual for a parte em que tenha lugar	Turismo Doméstico + Turismo Emissor <b>(Turismo Nacional)</b>
<b>Consumo Turístico Internacional</b>	Inclui o consumo turístico emissor e o consumo turístico receptor	Turismo Emissor e Turismo Receptor <b>(Turismo Internacional)</b>

Fonte: Adaptado de OMT (1999) e Lima (2008)

Pode-se então constatar, que resultantes das despesas turísticas existem três tipos de consumo turístico, sendo estes: o consumo turístico doméstico, o consumo turístico receptor e o consumo turístico emissor. Estes três componentes do consumo turístico que quando fundidos dão origem a novas classificações, que de entre alguns desses vão resultar no consumo turístico interior, consumo turístico nacional e no consumo turístico internacional. Assim para a melhor compreensão, elaborou-se a Figura 2.1, sobre os componentes do consumo turístico,

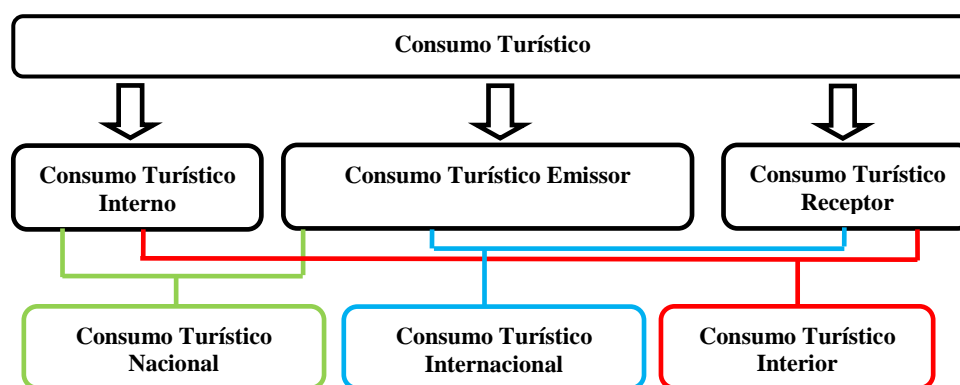


Figura 2.1: Componentes do Consumo Turístico

Fonte: Adaptado de OMT (1999) e Lima (2008).

É de notar que no esquema não foi identificado o consumo turístico interno, isto porque segundo Lima (2008, p. 12) quanto se faz a análise do consumo turístico a escala local, deixe de ser necessário avaliar esta componente do consumo turístico. Como o âmbito desta pesquisa é analisar as despesas que os visitantes (emigrantes) efectuam durante a estada na ilha de São Vicente, logo optou-se por utilizar este modelo. Segundo a OMT (1999, p.25-26), os agregados do consumo turístico, vão além das compras dos visitantes durante a sua viagem, isto porque engloba também todas as despesas feitas por outras entidades institucionais em seu nome.

Assim o mesmo afirma que consumo turístico engloba ainda o consumo turístico intermédio das unidades produtivas, que se traduz em todas as despesas realizadas pelas entidades empregadoras, em bens e serviços turísticos para beneficiar os seus empregadores.

Um outro componente do consumo turístico é o consumo turístico efectivo que se divide em transferências sociais em espécie (sendo estas prestações da segurança social e da assistência social em espécie e serviços turísticos individuais não comercializáveis) e as despesas finais dos visitantes (que por sua vez podem ser monetárias e não monetárias). Um exemplo de uma transacção não monetária, é a utilização da casa de um amigo ou familiar para passar a noite, isto não tem um valor monetário que dá para ser calculado. Já as transacções monetárias, segundo a fonte acima citada, constituem o elemento mais importante do consumo turístico e correspondem **às despesas em bens e serviços consumidos pelos visitantes para e durante as suas viagens e permanência no destino.**

Assim, neste trabalho monográfico será objecto de análise o consumo turístico receptor, uma vez que interessa identificar o consumo (despesas turísticas) efectuado pelos emigrantes durante a sua estada na ilha de São Vicente.

Neste sentido, torna-se importante no âmbito desta pesquisa, fazer-se uma abordagem sobre as despesas turísticas, sendo que estas constituem o principal objectivo deste trabalho monográfico e como tal será tratada na próxima secção.

### 2.2.1.1 Despesas Turísticas

Segundo a OMT (1999, p. 145), as despesas dos visitantes, são “todas as despesas em bens e **serviços consumidos pelo visitante** para e durante a sua viagem e permanência no local de destino”.

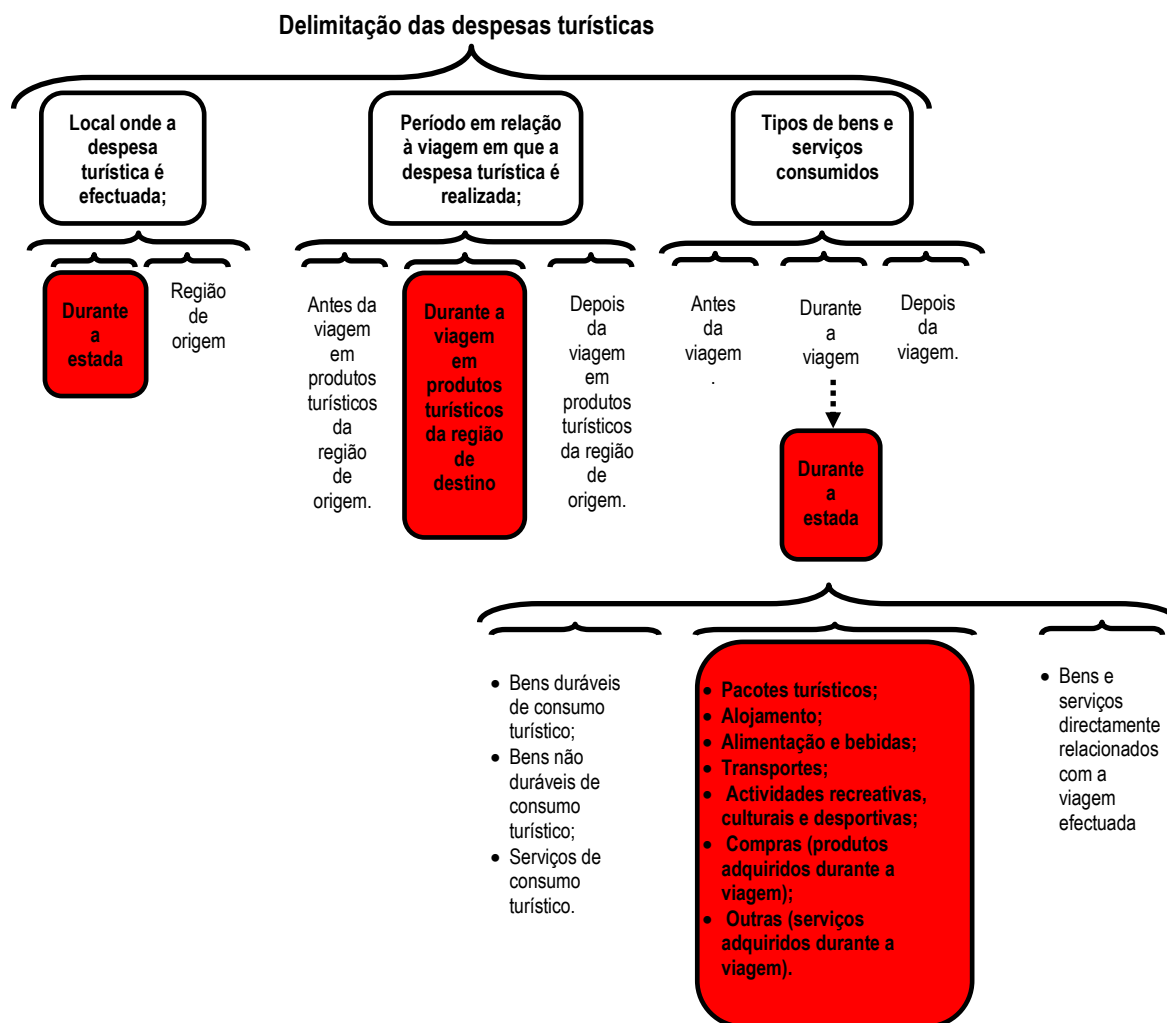
Assim como já foi mencionado acima, as despesas dos visitantes não constituem apenas aquelas efectuadas no local de destino mas também durante a preparação da viagem. Logo, haverá bens que serão consumidos **antes** da viagem, **durante** a viagem e **depois** da viagem.

Segundo Lima (2008), as despesas realizadas após a viagem, são difíceis de contabilizar e de fraca relevância quando se estuda o consumo turístico. Já as despesas efectuadas antes da viagem, inclui todas as despesas de consumo em serviços ( passaporte, vacinação, controle médico, etc.), bens e pequenos artigos de uso individual (mapas, livros, máquina fotográfica, cremes e outros produtos de higiene e alimentação) e presentes comprados antes da viagem, cuja sua condição de utilização esta relacionado com a viagem, (Eusébio 2006).

Contudo, as despesas realizadas durante a viagem são as de maior interesse para a pesquisa, pois são estas que permitem calcular o impacto do sector turístico numa região.

Assim, no âmbito deste trabalho monográfico, como se pode constatar na Figura 2.2 está em análise as despesas que os visitantes (emigrantes) que visitam a ilha de São Vicente efectuam em bens e serviços consumidos durante a sua estada na ilha, mais concretamente em Pacotes turísticos, Alojamento, Alimentação e bebidas, Transportes, Actividades recreativas, culturais e desportivas, Compras (produtos adquiridos durante a viagem) e Outras (serviços adquiridos durante a viagem).

Figura 2.2: Delimitação das despesas Turísticas



Fonte: OMT (2000)

Neste sentido, convém de acordo com a OMT (2000) que as despesas turísticas sejam diferenciadas seguindo as seguintes categorias:

i. Pacotes turísticos – são apresentados sob a forma de preço único, mas que normalmente é composto por dois ou mais bens e serviços. Poderá incluir o alojamento, transporte, serviços de restauração, actividades recreativas, culturais e desportivas. Tem como característica peculiar a forma de consumo pois normalmente é adquirido no local de origem e o consumo das suas componentes efectuado durante a viagem. Assim é recomendado pela OMT, que os custos do mesmo sejam distribuídos pelas componentes que o integram e identificar quais destas ficaram na economia de compilação (OMT, 2000).



ii. Alojamento – corresponde ao preço a pagar pela dormida, em estabelecimentos hoteleiros, nos meios de alojamento turístico complementares, nas pousadas da juventude, nos alojamentos particulares não gratuitos, nas colónias de férias, em aluguer de caravanas ou casa móvel, despesas de alojamento em espaços públicos, nos quais existem uma taxa específica para alojamento (carruagens, comboios, atrelados, etc.), etc. (OMT, 2000).

iii. Alimentação e Bebidas – das componentes de maior relevância, pois na maior parte dos casos, faz parte do consumo de todos os visitantes da região, incluindo os que não pernoitam. Nele incluem (OMT, 2000):

- as despesas em alimentação e bebidas realizadas em restaurantes, cafés, bares, clubes, entre outras;
- as despesas em bens alimentares e em bebidas consumidos em unidades de alojamento, em que este tipo de despesas se encontra separado das despesas com o alojamento;
- as despesas em alimentação e bebidas adquiridas em transportes públicos, quando este tipo de despesas está separado das despesas de transporte;
- as despesas na aquisição de produtos alimentares e de bebidas em supermercados, em estabelecimentos *fast food* ou *takeaway*, ou em outro tipo de estabelecimento comercial que vende este tipo de produtos a retalho.

iv. Despesas de transporte – totalizam as despesas desde compra de bilhetes, bem como as taxas em meios de transportes públicos como os comboios, os aviões, barcos, autocarros), taxas de custos de manutenção de meios de transportes particulares, aluguer de meios de transportes e ainda o pagamento de parques de estacionamento e auto-estradas, utilizadas pelo visitante (OMT, 2000).

v. Despesas em actividades recreativas, culturais e desportivas – nem sempre os visitantes participam em actividades recreativas desportivas e ou culturais, contudo, ao ser efectuadas, estas também deverão ser contabilizadas, e nelas devem conter despesas em: bilhete para assistir às actividades, aluguer de algum equipamento ou infra-estruturas, despesas de transporte nessas actividades ou despesas em pequenas visitas guiadas,

despesas em pequenas excursões, despesas em formação necessária que o visitante possa participar em determinado tipo de actividade recreativa e/ou desportiva (OMT, 2000).

vi. Compras – despesas efectuadas através da aquisição de determinados bens, destinados quer para o uso pessoal como também destinados a outra pessoa, e nela incluem despesas na compra de livros, tabaco, roupa, lembranças, etc. (OMT, 2000).

vii. Outras despesas – incluem as despesas dos visitantes em serviços, podendo ser estes serviços de correio, telecomunicações, seguros de viagem, etc. (OMT, 2000).

Assim, em mote de conclusão convém lembrar que neste trabalho monográfico, objectiva-se quantificar as despesas que os visitantes (emigrantes) efectuam em bens e serviços consumidos (indicados anteriormente) durante a sua estada na ilha São Vicente.

### 2.2.2 Enfoque económico da oferta turística

A oferta, constitui a segunda força integrante do mercado, sendo assim, entender o comportamento da oferta é fundamental, para que possa compreender o funcionamento do mercado (Santos e Kadota, 2012, pgs. 85-86).

Do ponto de vista do turismo, a oferta pode ser definida segundo Beni (1997, p. 159) como “conjunto de equipamentos, bens, serviços de alojamento, de recreação, de lazer, de carácter artístico, cultural, social ou de outros tipos, capaz de atrair e assentar em determinada região, durante um período determinado de tempo, um público visitante”.

Mas, para Werner e Boiteux (2009, p.8) a oferta turística constitui “um conjunto de elementos que conformam o produto turístico, que são divididos em atractivos turísticos, serviços turísticos, serviços públicos e infra-estrutura básica”. No entanto, Ansarah (2000, p.28) define a oferta turística como “composto pelo conjunto de produtos, serviços e organizações envolvidos activamente na experiência turística. Pode-se dizer então que, enquanto Beni (2009) e Boiteux e Werner (1997) dão mais ênfase aos equipamentos, aos recursos e infra-estruturas, enquanto Ansarah (2000) se concentra nas organizações que nesse caso têm como objectivo proporcionar uma experiência turística ao visitante. Então

pode-se dizer que enquanto os três primeiros limitaram em algo físico, o último concentrou-se em descrever algo intangível (a experiência turística).

Contudo, segundo Eusébio (2008), convém salientar que a oferta turística, não incorpora apenas as actividades económicas que fornecem bens e serviços aos visitantes e em relação aos quais existe uma despesa associada. É constituída ainda pelos elementos turísticos primários designados de “bens livres”, os quais são constituídos por atracções materiais e naturais, como por exemplo o clima, a história ou a cultura (Baptista, 1990), citado por Lopes (2012, p.6).

Como se pode verificar, igualmente aos outros conceitos abordados (turismo e procura turística), este também trouxe algumas discordâncias aquando da sua conceptualização, levando a que fosse difícil de se identificar quais os serviços e bens que poderiam ser consumidos pelos visitantes durante o exercício da actividade turística, e consequentemente dificultando a delimitação da oferta. Esta ambiguidade na conceptualização da oferta turística, deve-se ao facto de alguns autores, defini-la como sendo composta por atractivos, bens e serviços, mas não identificam de forma clara a que tipo de atractivos, bens e serviços se referem.

É o caso dos autores acima citados, por exemplo, Beni (1997) dá a noção de que este é composto por equipamentos, bens e serviços tanto de alojamento, recreação, lazer, como também de carácter cultural, nesse caso pode-se verificar algumas actividades características do turismo apresentadas pela OMT, sendo que ainda faltam alguns como os transportes, restauração, etc. Já Boiteux e Werner abordam os atractivos, serviços e infra-estruturas e Ansarah (2000) fala em produtos, serviços e organizações. Sendo assim verifica-se que não se é delimitado os bens e os serviços que são consumidos pelos visitantes e que o torna pertencente a actividade turística.

Sendo assim, a OMT sentiu a necessidade de se trabalhar nesse conceito para que se pudesse chegar a um consenso, que pudesse ajudar os diversos países, que pretendessem delimitar a sua oferta. Então, esta estabeleceu a sua própria lista de actividades e produtos característicos e conexos e que foram estabelecidos de acordo com os termos da Classificação Internacional das Actividades Turísticas (CITAT) e do Código de Produtos

Turísticos (CPT) (OMT, 1999). Assim, a OMT (1999, p.5) definiu os bens específicos e não específicos do turismo, como se pode constatar através da Figura 2.3.

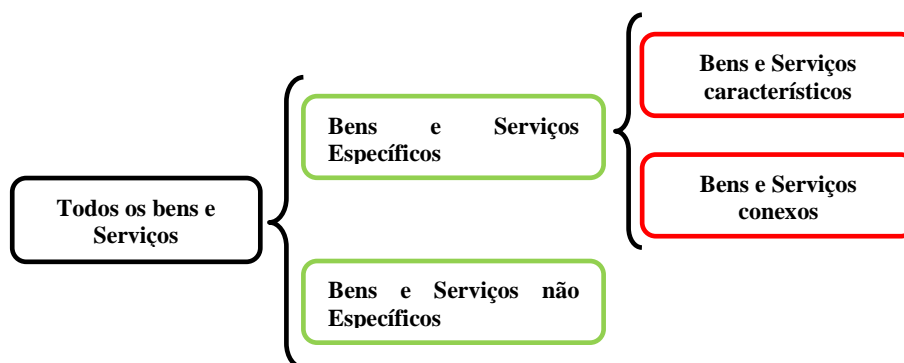


Figura 2.3: Classificação da Oferta Turística

Fonte: Adaptado OMT (1999)

Os bens e serviços específicos encontram-se compostos pelos bens e serviços característicos e conexos. (OMT, 1999).

Sendo que os produtos característicos do turismo, são definidos pela OMT (1999, p.146) como sendo “os produtos que na maior parte dos países deixariam de existir em quantidade significativa, ou cujo consumo seria consideravelmente reduzido, na inexistência de turismo e para os quais é possível obter dados estatísticos”. Em relação aos bens e serviços conexos, estes foram definidos pela OMT (1999, p. 146) como os “produtos que são consumidos pelo visitante em quantidades significativas, mas que não estão incluídos na lista dos produtos característicos do turismo”.

Assim, a OMT (1999) criou um quadro no qual classifica os bens e serviços característicos em sete grupos e na qual encontram-se os produtos característicos do turismo e ainda as actividades características do Turismo. Estes sete produtos característicos do turismo, também são conhecidos como os sete eixos da Conta Satélite do Turismo, sendo estes descritos na Tabela 2.2 abaixo.

Tabela 2.2: Produtos e Actividades característicos do turismo

Produtos Característicos do turismo	Actividades Características do Turismo
<b>Serviços de Alojamento</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Hotéis e outros serviços de alojamento</li> <li>Serviços de Residência Secundária</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Hotéis e similares</li> <li>Residências Secundárias</li> </ul>
<b>Serviços de Restauração (alimentos e bebidas)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Restaurantes e similares</li> </ul>
<b>Serviços de transportes de visitantes</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Serviços de transportes rodoviários</li> <li>Serviços de transporte ferroviários interurbanos</li> <li>Serviços de transportes marítimos</li> <li>Serviços de transportes marítimos</li> <li>Serviços de suporte ao transporte de passageiros</li> <li>Aluguer de equipamentos de transporte de passageiros</li> <li>Serviços de manutenção e reparação de equipamentos de passageiros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Transporte de passageiros rodoviários</li> <li>Transporte de passageiros ferroviários</li> <li>Transporte de passageiros marítimos</li> <li>Transporte de passageiros aéreos</li> <li>Actividades de suporte aos transportes</li> <li>Actividades de aluguer de equipamentos de transportes</li> </ul>
<b>Serviço de agentes de viagens, dos operadores turísticos e de guias turísticos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Serviços dos agentes de viagens</li> <li>Serviços dos operadores <b>turísticos</b></li> <li>Serviços de informação turística e de guias de turismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Agências de viagens e similares</li> </ul>
<b>Serviços Culturais</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Artes</li> <li>Museus e outros serviços culturais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Serviços de diversão cultural</li> </ul>
<b>Serviços recreativos e outros serviços de lazer</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Serviços desportivos recreativos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Actividades desportivas e outras actividades recreativas</li> </ul>
<b>Serviços de turismo mistos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Serviços financeiros</li> <li>Outros serviços de aluguer de bens</li> <li>Outros serviços de turismo</li> </ul>	

Fonte: OMT (1999)

Para a realização do estudo, estará em análise somente os bens e serviços específicos do turismo, mais precisamente os produtos característicos do turismo. Portanto os bens não específicos do turismo não foram abordados, pois constituem bens que apesar de

consumidos pelos turistas, não foram criados com o objectivo turístico. Assim, objectiva-se neste estudo identificar as despesas realizadas pelos visitantes (emigrantes) nesses produtos característicos do turismo, identificados na Tabela 2.2 durante sua estada na ilha de São Vicente.

## 2.3 Conclusões

Neste capítulo foram apresentadas diferentes abordagens sobre o conceito do turismo, propostas por diversos autores, de diversas áreas profissionais. Contudo, é de se relembrar que os conceitos mais aceites, são aqueles propostos pela OMT, que teve como pretensão, criar conceitos de matérias ligadas ao turismo que fossem universalmente aceites, tanto nas suas abordagens da oferta como da procura. Com essas definições, propostas pretendeu-se facilitar a compreensão dos mesmos e gerar um acordo ou um consenso entre aqueles que se encontram de alguma forma ligados ao turismo. Assim, no âmbito desta revisão bibliográfica adoptou-se estas abordagens apresentadas no âmbito da Conta satélite do Turismo pela OMT.

Delimitou-se o turismo do ponto de vista económico, tendo constatado que ele é composto por dois grandes agregados que são a oferta e a procura turística. Ao nível da oferta, tal como explicado anteriormente no processo de delimitação do campo de actuação deste estudo utilizou-se somente os bens e serviços característicos do turismo e ao nível da procura utilizou-se somente o consumo turístico individual para quantificar as despesas efectuadas pelos visitantes (emigrantes) durante a sua estada no destino turístico (Ilha de São Vicente).

## Capítulo 3. A emigração em Cabo Verde

### 3.1 Introdução

A deslocação de pessoas, quer seja em carácter singular ou em grupos, é um fenómeno que tem vindo a ganhar notoriedade ao longo dos anos, isto devido aos efeitos que este tem causado nas sociedades.

Em Cabo Verde, este fenómeno não foge a regra, visto que é conhecido como um país de uma forte taxa de emigração, devido a falta de emprego e os salários reduzidos e com forte impacto na economia do país, através das remessas que os emigrantes enviam aos seus entes queridos, contribuindo para o melhoramento das condições de vida das famílias.

Contudo, sem o regresso definitivo à vista a maioria dos emigrantes, não prescindem do reencontro com os familiares, e saciar as saudades, isto é, de passar as suas férias na terra natal. Ao longo deste período, estes efectuem despesas para colmatar as suas necessidades de férias.

Assim, neste capítulo que se segue far-se-á uma abordagem sumária sobre os movimentos migratórios e a Emigração em Cabo Verde.

### 3.2 Movimentos migratórios

Segundo Silva (2009, p. 26) “hoje em dia não existe no mundo nenhum país que não tenha e está sendo afectado pela migração internacional, isto devido a um intenso agravamento das condições em que se vive a maioria da população em todo o planeta”. O que faz com que Salt (1987), citado por Gonçalves (2009, p.24) afirme que “o desenvolvimento económico é desigual a nível mundial e as migrações internacionais são, em si mesmas, uma resposta a essa diversidade espacial”.

Assim, devido ao objectivo deste trabalho, convém apresentar algumas definições da migração. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (2011) - OIM a migração, constitui “o movimento de uma pessoa ou um grupo de pessoas, seja através de uma fronteira internacional, ou dentro de um Estado”, e que abrange qualquer movimento de pessoa, independentemente da sua duração, composição e causas.

Já na opinião de Mangalam (1968) citado por Gonçalves (2009, p.24), define migração como “um movimento (no espaço) entre sistemas de interacção”. Nesta definição o autor dá ênfase aos dois meios onde ocorre esse processo, isto é, o meio emissor (o país de origem) e o receptor (o país de destino).

Uma outra organização a apresentar uma definição, foi a INE, citado por Oliveira (2012, p.2), que afirma que “a migração trata-se da “deslocação de uma pessoa através de um determinado limite espacial, com intenção de mudar de residência de forma temporária ou permanente”. O mesmo fenómeno foi definido de uma forma mais sucinta e breve por Cardoso (2004, p.14) “ como a entrada e a saída de migrantes”.

Contudo, ao longo deste processo de deslocação de pessoas de um lugar para outro, tal como apresentado pelos autores citados anteriormente é fundamental definir a pessoa que da corpo a este acto que a Organização das nações Unidas (ONU) referenciada pela OMI designou migrante. Assim, o migrante é “o indivíduo que tenha residido em um país estrangeiro por mais de um ano, independentemente das causas, voluntárias ou involuntárias, e os meios, regulares ou irregulares, usados para migrar”. Logo concluindo que aqueles que viajam por períodos mais curtos como os turistas e empresários não seriam considerados migrantes.

Neste sentido, Cirino (2008) aponta dois tipos de migrantes apresentados pela ONU, sendo estes o migrante de longo prazo e o migrante a curto prazo, afirmando ainda que os dois baseiam-se nos mesmos conceitos, mas que se diferem pela diferença do tempo de permanência, pois enquanto o de longo prazo tem um tempo médio de permanência de doze meses, o de curto prazo o seu tempo de permanência varia entre os três aos doze meses.

Contudo, alguns autores como Appleyard (1992), Castles (2000) e Peixoto (1998) citados por Figueiredo (2005), consideram as seguintes categorias de migrantes: os trabalhadores temporários; possuem elevadas qualificações e de negócios, geralmente encontram-se em circulação temporária; os irregulares (sem documentos); os refugiados, exilados (motivos políticos, judiciais, etc.) e os que migram com carácter forçado; os migrantes permanentes ou para reunificação familiar (migram com o objectivo de se reunirem a algum membro da



família que tinha migrado anteriormente), enfatizando ainda que alguns autores consideram ainda a migração enquanto o regresso do indivíduo ao seu país de origem.

Assim, de acordo com a discussão dos conceitos apresentados anteriormente as migrações compõem um processo de mudança do seu país de origem para um outro país, e tendo como causa principal a busca contínua pela população de melhores condições de vidas. Nesta perspectiva, que a OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico), citado por Cirino (2008, p.10) afirma que são muitos os factores que levam as pessoas a emigrar, mas que estes se dividem em três principais categorias, sendo estas:

- O trabalho: em que o projecto de emigração surge com o objectivo de melhorar a situação socioeconómica da família;
- Reagrupamento familiar: existe um membro da família que emigra numa primeira fase, para criar condições mantendo o objectivo de acolher o resto da família no destino;
- Asilo Político: diferencia-se das outras duas, na medida em não surge da vontade própria do migrante, mas sim de um constrangimento, sendo este “obrigado” a mudar de país por questões de sobrevivência.

Tendo em conta o exposto anteriormente e em termos de conclusão a OIM, defende que a migração, deve ser dividida em emigração e a imigração. Sendo assim, a OIM definiu a imigração como sendo “um processo pela qual os estrangeiros se mudam para um país com a finalidade de ali se estabelecer”, enquanto a emigração, é definida como “acto de partida ou sair de um Estado com vista a se estabelecer em outro”. Num contexto geral das definições elas se assemelham, então torna-se passível explicar que quando uma pessoa sai do seu país ele é considerado um emigrante e que ao entrar no país de destino ele torna-se imigrante naquele país, ou seja pode-se atribuir estes dois termos a uma única pessoa.

Sendo assim, no âmbito deste trabalho enfatizar-se-á o estudo do emigrante, isto é visa quantificar as despesas efectuadas pelos emigrantes durante a sua estada na ilha de São Vicente.

### 3.3 A emigração cabo-verdiana

A emigração é um fenómeno global que afecta todos os países do mundo, como citado previamente, e em Cabo Verde, este não se regista como um fenómeno actual, mas que vem de longa data. Segundo Silva (2009, p.30) “o cabo-verdiano já nasceu emigrante”, pois de acordo com a mesma, a emigração constitui um dos fenómenos mais antigos e estáveis da sociedade cabo-verdiana, antecedendo em várias décadas a independência do país.

Neste sentido, Cardoso (2004, p.22) afirma que “o fenómeno da emigração cabo-verdiana tem sido uma constante na vida do arquipélago, desde meados do século XIX, afirmando ainda que a história da emigração, nas suas causas directas e indirectas, quase tem sido a história dessas ilhas nesse lapso de tempo”. Na mesma perspectiva, OIM (2010, p. 16) afirma que Cabo Verde tem uma forte tradição de emigração, e que se encontra profundamente enraizada na sociedade cabo-verdiana o pensamento de emigrar, como forma de alcançar sucesso pessoal, familiar e social.

Contudo, no que se refere ao número total de emigrantes cabo-verdianos residentes no estrangeiro existem apenas estimativas. Assim, devido a carência de dados que indicassem o número de emigrantes cabo-verdianos residentes no estrangeiro, optou-se por apresentar dados do Censo 2010 que apresenta números sobre os cabo-verdianos que emigraram por sexo e segundo os Concelhos no período entre 2005 a 2010 (INE, 2010).

Assim como se pode constatar no Figura 3.1, que dos 18.875 cabo-verdianos que emigraram no período supracitado o Município da Praia foi a que teve a maior percentagem de saída de cabo-verdianos para o estrangeiro, com cerca de 26%, seguido do Município de São Vicente com 15%, Santa Catarina de Santiago com cerca de 10%, Tarrafal de Santiago com 7,5% e Santa Cruz com 6,2%.

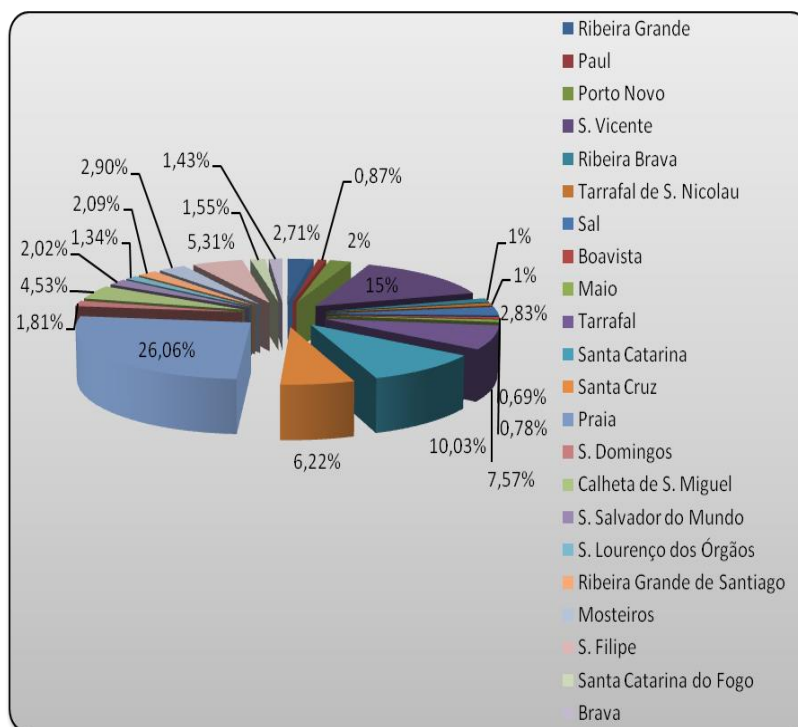


Figura 3.1: Número de cabo-verdianos emigrados no período 2005-2010 por Município  
Fonte: INE (2010)

No que concerne ao sexo dos cabo-verdianos emigrados durante esse período, o Gráfico 3.2 mostra que a maioria é do sexo feminino com cerca de 53,56% sendo os restantes 46,44 eram do sexo masculino (Figura 3.2).

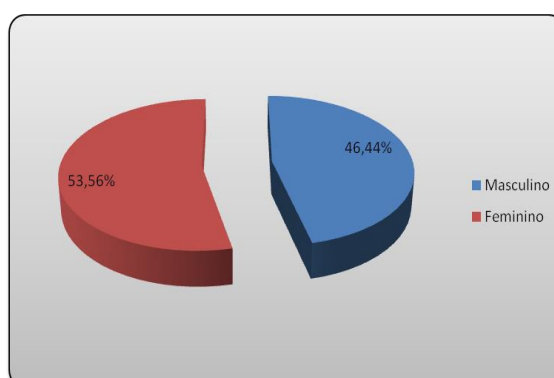


Figura 3.2: Distribuição dos cabo-verdianos emigrados por sexo durante o período 2005 a 2010  
Fonte: INE (2010)

### 3.3.1 Causas da emigração Cabo-verdiana

As causas da forte corrente emigratória existente em Cabo Verde são explicadas por alguns autores. Para Grassi (2006, p.3) “a causa da emigração cabo-verdiana, está ligada a história das ilhas e as suas condições naturais adversas”, história essa em que ela ressalta os abandonos e repovoamentos, as secas recorrentes durante as quais os escravos depressa eram vendidos e que obrigavam aos trabalhadores livres serem obrigados a emigrar para outras colónias.

Por sua vez o Instituto de Apoio para as Comunidades (IAPE), citado por Góis (2006, p.82-83) “a seca, o problema de subsistência, o espírito de aventura do homem cabo-verdiano, a necessidade de promover a família, a presença colonial e a atracção por salários substanciais podem ser consideradas algumas das inúmeras causas que levaram homens e mulheres a emigrar”.

Nesta mesma linha Góis (2006, p.82) defende que “a causa primordial das migrações em Cabo Verde, deve-se tanto ao mau estado económico do país como também pela herança colonial e pelas suas condições geo-climáticas” que conduziu a que, cada vez mais, os cabo-verdianos, a se sentirem obrigados a procurar noutras regiões, soluções para os problemas económicos e sociais.

Por outro lado, Silva (2009) aponta como causas principais da emigração cabo-verdiana, as secas e a escassez de colheitas que provocaram a decadência económica, sendo que a medida que estas se tornavam mais frequentes aprofundavam mais a ruptura do equilíbrio ecológico e a queda da produção agrícola, sendo também que as crises internacionais, as guerras mundiais (que quase provocaram o abandono da metrópole) foram também apontadas como causas.

Assim, tendo em conta as causas elencadas anteriormente, pode-se dizer que as dificuldades económico-sociais, as condições geo-climáticas, a insularidade, entre outras foram as maiores impulsionadoras do movimento emigratório em Cabo Verde.

### 3.3.2 As fases da emigração cabo-verdiana

Segundo Tavares (2010, p.71) “na literatura sobre a emigração cabo-verdiana está explícita que não existe um consenso sobre a periodização adequada para definir as fases da emigração”. Contudo, vários são os autores que dissertaram sobre as fases da emigração cabo-verdiana.

Assim, Rosanroch (2008) citado por Silva (2009, p. 28-30) identificou três fases da emigração cabo-verdiana: sendo que a **primeira fase** decorre entre 1900 a 1920 e foi orientada principalmente para os Estados Unidos da América, através da caça de baleia. As causas dessas emigrações, segundo Correia (1997) citado pelo mesmo autor, foram a miséria e as deficientes condições de vida nas ilhas, mas particularmente a tremenda crise de subsistência derivada da prolongada estiagem de 1900-1903, que acabou por culminar a fome de 1903-1904.

Nessa altura a deslocação ao estrangeiro encontrava-se condicionada a detenção de um passaporte nacional ou outro documento equivalente, sendo esta a forma encontrada pelas autoridades para exercer algum tipo de fiscalização, o que permitiu que muitas pessoas saíssem do país de forma indocumentada. Assim, os principais países receptores foram os Estados Unidos, Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Senegal, Gâmbia, Lisboa, Açores, Madeira, Guiné, Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, entre outros (Correia, 1997 citado por Silva 2009, p. 28-30). Contudo, no período intermediário entre 1920 a 1924 houve um aumento da emigração principalmente em direcção a Guiné-Bissau, Senegal e Gâmbia (Correia, 1997 citado por Silva 2009, p. 28-30).

Na **segunda fase** datada de 1927 a 1945 registou duas tendências: em primeiro, uma baixa sensível na média anual de saídas e depois, notou-se um visível desvio da emigração dos Estados Unidos da América, isto devido as leis americanas (1919, 1924 e 1928), que impediam a entrada naquele país. Essa fase foi caracterizada também pela fome de 1921-22 e pela grande depressão mundial de 1929, que provocaram grandes mortes, o que influenciou a emigração pois esta era retardada pela carência de navios de longo curso. O governo, com receio de que houvesse uma nova crise de fome, afrouxou a fiscalização. Nesse período, a emigração cabo-verdiana, acentuava-se na rota da América do Sul, nomeadamente Brasil, Argentina, Uruguai e Chile.

A **terceira fase** decorre de 1946 a 1973 e foi considerada o grande êxodo, isto porque apesar das condições rigorosas para uma emigração legal, esta fase é marcada por grandes movimentos de saída e uma viragem na orientação dos destinos dos emigrantes, que com dificuldades, obtinham passaportes para países europeus, sendo primeiramente Holanda e depois Portugal, França, Luxemburgo, Itália, Suíça, etc.

Contudo, Tavares (2010, p.71) enunciou mais uma fase, a 4ª Fase, na qual ele deu o nome de Formação da Diáspora Cabo-verdiana. Esta fase decorre no período pós-independência, e é caracterizada pela emigração em massa dos jovens cabo-verdianos para Europa e para os Estados Unidos da América”. Assim o mesmo autor definiu a diáspora cabo-verdiana como sendo “constituída por todos os indivíduos de origem cabo-verdiana que residam no estrangeiro e que, directa ou indirectamente, mantêm laços com a origem e que desejam participar e/ou contribuir para o desenvolvimento económico, social e institucional do país”.

### 3.3.3 A relação entre a Diáspora, e o Desenvolvimento Económico

Segundo Tavares (2010, p.83) a percepção da importância da diáspora no desenvolvimento dos países de origem é datada dos finais dos anos 1980 e início dos anos 1990. O mesmo autor defende que “é importante que países que possuem uma comunidade de emigrantes significativa como a de Cabo Verde, devem estar ciente da importância das remessas económicas e sociais nas mudanças e transformações que podem ocorrer no país.

Nesta mesma linha Martin (2007), citado pelo autor Tavares (2010, p.83) afirma que:

*“as diásporas desempenham, também, um papel importante no estímulo ao desenvolvimento para além das transferências de remessas. Migrantes frequentemente formam associações para levantar e remeter fundos para o desenvolvimento da infra-estrutura, saúde e programas de educação e actividades de geração de renda em suas comunidades de origem”.*

Também esta opinião é partilhada por Fernanda Fernandes, Ministra das Comunidades que defende que a diáspora cabo-verdiana tem um potencial enorme. É um mercado com muita

capacidade, não só a nível financeiro, mas também com capacidade de “*know how*”, que pode ser utilizado no desenvolvimento de Cabo Verde”. (Ministério das Comunidades, 2013, p.2).

Nesta mesma linha de pensamento Cardoso (2011, p.7) afirma que:

*o desenvolvimento do país tem estado ligado, desde sempre, à força do seu povo e à sua Diáspora, que representa mais do que a população residente e como tal, torna-se necessário atender a alguns factores que podem potenciar a sua importância, nomeadamente a aposta na melhor formação de quadros, o apoio à difusão cultural, em que a música tem um papel de relevo, estabelecimentos de políticas conjuntas com os países de acolhimento que os envolvam numa formação de qualidade e continuada facilitadora de uma melhor integração social dos emigrantes e seus descendentes.*

Isto porque segundo o mesmo autor, os emigrantes qualificados representam um potencial importante nas relações com outros países, permitindo a criação de redes sociais e políticas, transferindo tecnologia e ainda promovendo investimento externo e relações comerciais vantajosas para o país. E que quando estes retornam ao país, podem potenciar o investimento nomeadamente turístico, mas também nas áreas tecnológicas, gestão, saúde e educação.

Assim, em forma de resumo e tendo em conta ao que já foi exposto pode-se dizer que a diáspora cabo-verdiana tem permitido a criação de laços entre Cabo Verde e os seus países de acolhimento, permitindo ainda ao país de origem a captação de investimentos derivados desses laços (acordos de financiamento, de cooperação, empréstimos, bem como doações feitos a Cabo Verde e os diversos países e ainda facilitado os diálogos no que diz respeito aos programas de facilitação de vistos), permitindo melhoramentos a nível da saúde, educação, desporto, cultura, etc.

Neste sentido, Cardoso (2004, p.104) afirma que “emigração é, por conseguinte, uma espécie de “colete-de-forças” para as relações internacionais (e não só) cabo-verdianas”,

sendo, no entanto, “simultaneamente, uma das principais fontes do desenvolvimento do país.”

### 3.3.3.1 Remessas dos Emigrantes

Pela importância que ficou demonstrado do papel da diáspora no desenvolvimento económico dos países e que tem como um dos indicadores as remessas dos emigrantes, convém também no âmbito desta monografia dissertar sobre este tema. Assim, Tavares (2010, p.88) define as remessas dos trabalhadores emigrantes (RTE) “como o envio de recursos pelos emigrantes aos países de origem. Esses recursos são, geralmente, subdivididos em remessas de bens e recursos financeiros líquidos”.

Contudo, este autor vai mais longe, defendendo que as remessas dos trabalhadores representam fluxos que podem ser individuais ou colectivos. Individuais quando se trata de uma parcela da renda enviada pelos emigrantes aos familiares, enquanto as remessas colectivas são montantes arrecadados pelas instituições e/ou associações ligadas ao sector da emigração (sem fins lucrativos) e doados para a realização de projectos socioeconómicos nos países de origem.

Neste sentido, OIM (2010, p.66) afirma que:

*“a aplicação das remessas sobretudo no consumo das famílias, na educação, na saúde e no investimento na construção civil, tem vindo a contribuir na minimização dos efeitos da pobreza, bem como para a cristalização dessas vias, enquanto alternativas de captação do investimento emigrante”.*

Assim, em termos de números propriamente dito, os emigrantes cabo-verdianos tem ao longo dos anos enviado recursos financeiros aos seus familiares em Cabo Verde, como se pode constatar no Figura 3.3 que apresenta a evolução das remessas dos emigrantes durante o período de 2000 a 2008.

Ao se fazer uma leitura da Figura 3.3, nota-se que em 2008, as remessas enviadas a Cabo Verde pelos emigrantes equivaleram a cerca de dez milhões quatrocentos e vinte e quatro



mil de escudos. Contudo, foi em 2005, que as remessas atingiram o valor máximo verificados desde 1991, com cerca de 11 mil milhões de escudos (Figura 3.3).

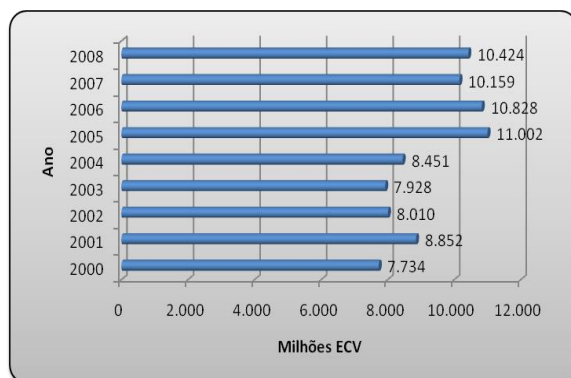


Figura 3.3: Evolução do volume de remessas, em milhões de escudos, 2000 – 2008

Fonte: Adaptado de OIM (2010)

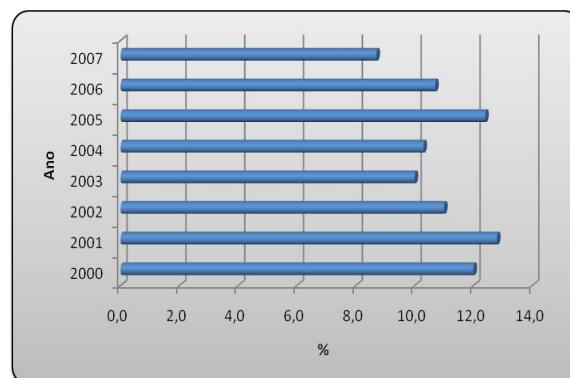


Figura 3.4: Evolução da participação das remessas dos emigrantes no PIB durante o período 2000 a 2007

Fonte: Adaptado de OIM (2010)

No que concerne, a contribuição das remessas dos emigrantes, para o PIB, nota-se que foi em 2001 que este atingiu o seu valor mais alto (cerca de 12,8%), contudo este tem vindo a registar um decréscimo da contribuição das remessas no PIB nacional, que é justificada pelo aumento do dinamismo de outros sectores, pois em termos absolutos as remessas têm vindo a aumentar (OIM, 2010, p.60) (Figura 3.4).

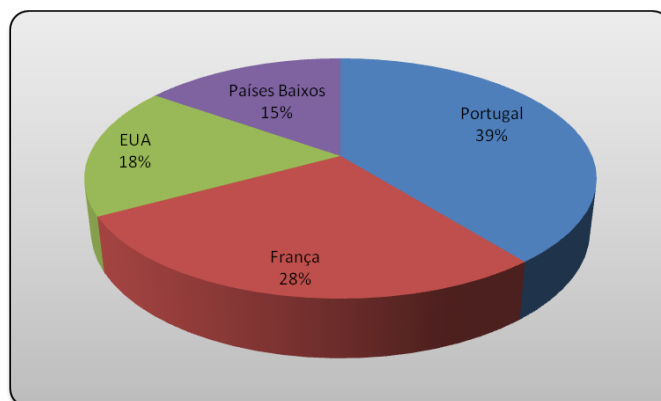


Figura 3.5: Volume de remessas por países no ano 2008

Fonte: Adaptado de OIM (2010)

Considerando o envio de remessas dos emigrantes em 2008, por país, conforme o grau de importância, apresentado na Figura 3.5, nota-se que o principal país de origem das remessas foi Portugal com 3,1 mil milhões de escudos cabo-verdiano (39%), a seguir foi a França,

com cerca de 2,2 mil milhões (28%), Estados Unidos da América com 1,4 mil milhões (18%) e Países Baixos com 1,2 mil milhões (15%).

### 3.4 Conclusão

Da análise documental feita sobre a emigração em Cabo Verde pode-se constatar que este é um processo que vem arrastando a longos anos atrás e que continuará por muitos mais anos. A emigração em Cabo Verde tem contribuído ao longo dos anos para o desenvolvimento económico-social do país como ficou espelhado em termos quantitativos nos dados das remessas dos emigrantes e a contribuição destas no Produto Interno Bruto.

Em termos qualitativos pode-se concluir que a emigração cabo-verdiana tem contribuído para melhorar as condições de vida das famílias, reforçar os laços de cooperação entre Cabo Verde e os países de acolhimento, captação de investimentos, e ainda melhorar o nível da saúde, da educação, do desporto, da cultura, entre outros.

## Capítulo 4. A ilha de São Vicente na perspectiva turística

### 4.1 Introdução

O capítulo que se segue tem como objectivo principal caracterizar a ilha de São Vicente como destino turístico, tendo em conta o cenário turístico nacional.

Assim para se alcançar o objectivo pretendido, serão analisados dados disponíveis referentes a oferta e a procura turística existente na ilha. Esta análise será suportada por estatísticas publicadas pelo INE (Instituto Nacional de Estatísticas) que permitirá avaliar o estado da evolução do turismo ao longo dos últimos anos na ilha. Serão analisados ainda documentos oficiais publicados pelo Governo de Cabo Verde e informações apresentados pela Câmara Municipal da ilha.

### 4.2 A oferta turística da ilha de São Vicente

Segundo Lopes (2010) e MECC (2010) o arquipélago de Cabo Verde possui um conjunto de características capazes de captar e atrair visitantes, características essas que são as suas condições naturais específicas, a sua cultura marcante e diversificada por influências africanas e europeias. E essa diversidade cultural pode ser vista tanto a nível da música, da dança, do artesanato e da gastronomia. Neste sentido, outras características de destaque para essas ilhas apresentadas por Lopes (2010) foram a hospitalidade dos cabo-verdianos, e a diversidade climática e de relevo.

Deste modo, passa-se agora a fazer a descrição turística da ilha de São Vicente, em termos de oferta. E através desta serão apresentados os atractivos tanto naturais como também edificados, apresentados pelo Guia Turístico de São Vicente, elaborado pela Câmara Municipal da Ilha (2009).

Tabela 4.1: Potencialidade e atractivos da ilha de São Vicente

RECURSOS E ATRACTIVOS	
Atracções naturais	
<b>Montes</b>	<p><b>Monte Cara</b> - constitui uma das imagens mais marcantes da ilha de São Vicente, o seu nome deve-se ao facto da sua figura assemelhar-se a um rosto humano, nesse caso de um homem.</p> <p><b>Monte Verde</b> - “é o ponto mais alto da ilha, mas também constitui o único parque natural nela existente, aqui pode-se avistar e ver aves e espécies endémicas de Cabo Verde, bem como ter uma vista deslumbrante da ilha. É maioritariamente ocupado pela agricultura de sequeiro” (MECC, 2010, p.71).</p>
<b>Baias</b>	<p><b>Baía do Porto Grande</b> - considerada uma das 10 baias mais belas do Mundo e no passado desempenhou o papel de “principal porta de contacto entre Cabo Verde e o mundo”(MECC, 2010, p.71)..</p>
<b>Praias</b>	<p><b>Praia da Laginha</b> - constitui a praia mais frequentada da ilha, fica situada dentro da cidade do Mindelo e é frequentada praticamente por todo o ano.</p> <p><b>Baía das Gatas</b> - é das praias mais visitadas da ilha e onde anualmente se realiza um dos melhores festivais de música ao ar livre do país, que é o Festival da Baía das Gatas.</p> <p><b>São Pedro</b> - situada numa aldeia piscatória da qual herdou o nome, é considerado uma das melhores do arquipélago para a prática de desportos náuticos. Ainda podemos encontrar outras praias como: Calhau, e praias desertas como por exemplo: Saragarça, Sandy Beach, Calheta, Flamengo e Praia Carga, com acessibilidades difíceis.</p>
Atracções Culturais	
<b>Manifestações Culturais</b>	<p><b>Festas de Romaria</b> - estas festas de cariz religioso são bastante concorridas. As mais animadas são: Santa Cruz, São João e São Pedro.</p> <p><b>Festival Internacional de Musica da Baía das Gatas</b> - realizado anualmente, a sua primeira edição teve lugar em 1984.</p> <p><b>Festival Internacional do Teatro Mindelact</b> - realiza-se todos os anos no mês de Setembro e junta actores profissionais e amadores de diversos países, em São Vicente.</p> <p><b>Carnaval</b> - é a maior festa popular celebrada em São Vicente, onde todos os anos desfilam dezenas de grupos carnavalescos divididos entre a animação e grupos concorrentes. E ainda temos a tão famosa Passagem de ano.</p>
<b>Artes e Artesanato</b>	<p>A ilha conte com alguns ateliês, nomeadamente: Figueira, Joana Pinto, Bela Duarte, Arte Negra, Interart, Artesanato Asante Kotoko, etc.</p>
<b>Museus</b>	<p>A ilha possui um Museu de Arte Tradicional, O Centro Histórico do Mindelo</p>
<b>Monumentos</b>	<p>Existem na ilha, um conjunto de monumentos, tais como: o Centro Cultural do Mindelo, a Torre de Belém, Residências coloniais, Câmara Municipal de São Vicente, Mercado Municipal, Pássaro, antigo Liceu Gil Eanes, Palácio do Governador, etc.</p>
<b>Gastronomia</b>	<p>Devido a enorme variedade de peixes existentes na ilha, a maior parte dos pratos é confeccionado a base de peixes e mariscos.</p>
Infra-estruturas	
<b>Aeroportos, Portos e Rodovias</b>	<p>A ilha dispõe de um aeroporto internacional, Cesária Évora e o Porto Grande do Mindelo que esta sendo submetido a obras com o objectivo de o tornar de águas profundas para receber os navios Cruzeiros.</p>

Fonte: Câmara Municipal da Ilha (2009)

E de acordo com o MECC (2010) estas atracções e Recursos conferem a ilha um conjunto de potencialidades para a prática do turismo de sol e praia; o ecoturismo (caminhadas, observação da fauna e flora, ornitologia ou estudo das aves); turismo rural; turismo cultural (arqueologia, turismo étnico, festas populares, património construído, intercâmbio); turismo desportivo (desportos náuticos, aventura, vôo livre, mergulho, cavalgadas, pesca desportiva, golfe); turismo de negócios e eventos (feiras, congressos, incentivos, visitas técnicas).

Contudo, o MECC (2010) afirma que a ilha possui uma oferta turística bastante diversificada, mas que não obstante, existem alguns constrangimentos que precisam ser resolvidos ou minimizados, sendo estes: a ligação da ilha com o exterior e com as restantes ilhas, tanto a nível aéreo como também marítimo; melhor planeamento e promoção integrada da oferta turística de São Vicente e ainda qualificação de mão-de-obra.

No que diz respeito a oferta de alojamento, é de notar que tem havido ligeiros aumentos anualmente, como se pode ver nas Figuras 4.1 e 4.2 abaixo.

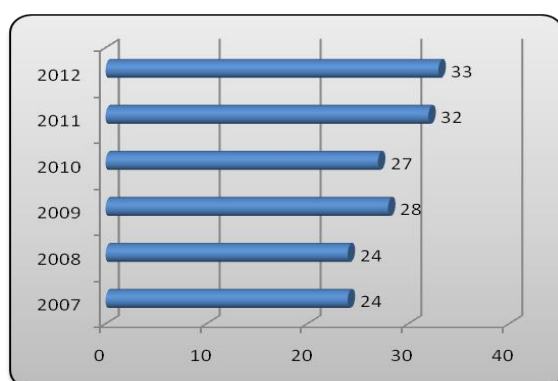


Figura 4.1: Evolução dos Estabelecimentos na ilha

FONTE: INE (2013)

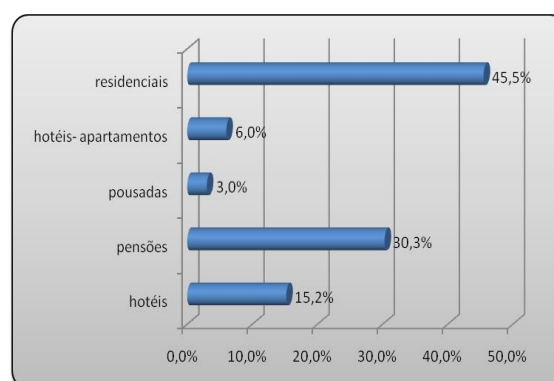


Figura 4.2: Tipos de Estabelecimentos existentes

Fonte: INE (2013)

Assim, no Figura 4.1 pode-se verificar que ao longo dos anos, a ilha em termos de número de estabelecimentos tem sofrido oscilações, tendo registado em 2012 um ligeiro aumento relativamente ao ano anterior, tendo registado um total de 33 unidades de alojamento, representando um total de 15,9% do total de alojamento existente no país. Em relação as unidades de alojamento, as Residenciais estão em maior número, representando 45,5% do total da ilha, a seguir seguem-se as pensões com 30,3% e os hotéis, hotéis-apartamentos e pousadas com 15,2%; 6,0% e 3,0% respectivamente.

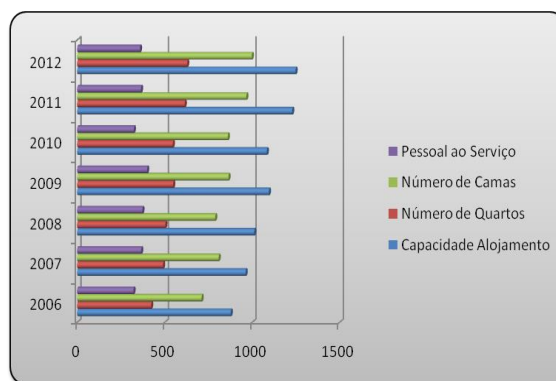


Figura 4.3: Evolução da oferta da ilha  
Fonte: INE (2013)

Através da Figura 4.3 pode-se constatar que em 2011, a ilha possuía 32 estabelecimentos hoteleiros, com uma capacidade de alojamento de cerca de 1.229 pessoas, o que representava 7,2% a nível nacional. Totalizando os estabelecimentos hoteleiros a ilha possuía cerca de 615 quartos e 967 camas. Nestes estabelecimentos hoteleiros empregavam cerca de 365 pessoas. Dados de 2012 disponibilizados pelo INE (2013,p.7), dão-nos conta ainda que o número de camas na ilha aumentou, registando-se agora cerca de 1005 camas em todos os estabelecimentos da ilha. O que aumentou também em 2012, foi o número de pessoal ao serviço, totalizando agora 369 pessoas ao serviço dos hotéis (INE, 2013).

### 4.3 Procura turística

De acordo com dados do INE, a procura turística tem registado tendências diferentes da oferta, nos últimos quatro anos, ou seja, tem vindo a registar um crescimento constante tanto em termos de entradas de hóspedes como de dormidas nos estabelecimentos de alojamento (Figura 4.4).

Assim sendo, em 2012 foram registados cerca de 34.724 hóspedes e 86.380 dormidas nos meios de alojamento turístico. Estes valores constituem cerca de 6,5% das entradas de hóspedes, e 2,6% das dormidas a nível Nacional (Figuras 4.4).

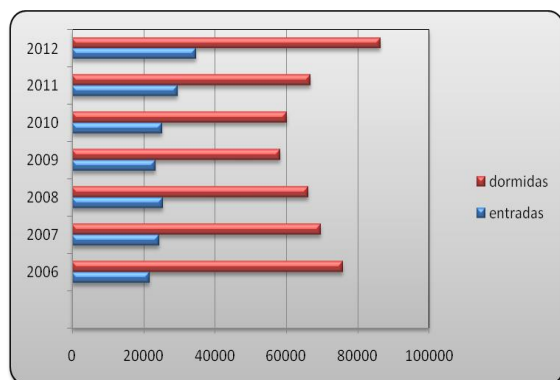


Figura 4.4: Evolução das entradas e das dormidas

FORTE: INE (2013)

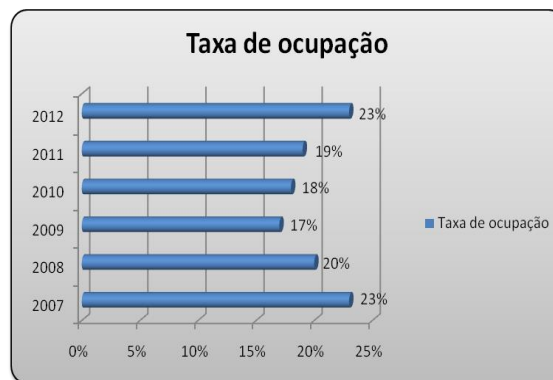


Figura 4.5: Taxa de ocupação dos Estabelecimentos Hoteleiros

FORTE: INE (2013)

Em relação a taxa de ocupação dos estabelecimentos hoteleiros da ilha de São Vicente, esta tem acompanhado a dinâmica do crescimento da procura, chegando a atingir em 2012, cerca de 23% de taxa de ocupação nos estabelecimentos hoteleiros a nível nacional (Figuras 4.5).

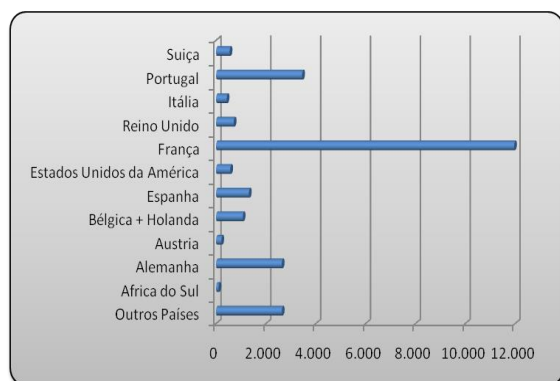


Figura 4.6: País de residência dos hóspedes

FORTE: INE (2013)

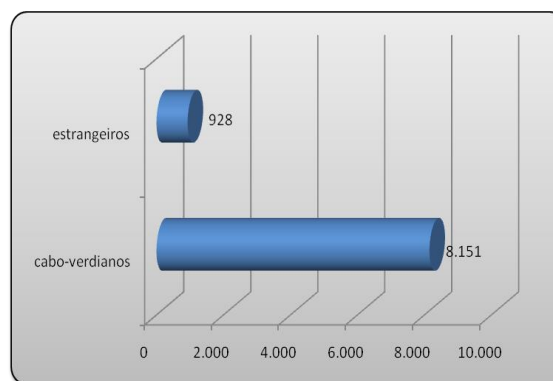


Figura 4.7: Número de hóspedes residentes que utilizaram os Estabelecimentos Hoteleiros

FORTE: INE (2013)

Tendo em conta o país de residência dos hóspedes, como se pode constatar na Figura 4.6, o maior número de entradas é proveniente da França, a seguir Portugal, Alemanha, Espanha, entre outros. Contudo, relativamente aos residentes em Cabo Verde que utilizaram os estabelecimentos hoteleiros, a maioria eram de nacionalidade cabo-verdiana, cerca de 8.151, sendo os outros de nacionalidade estrangeira cerca de 928 (Figura 4.7).

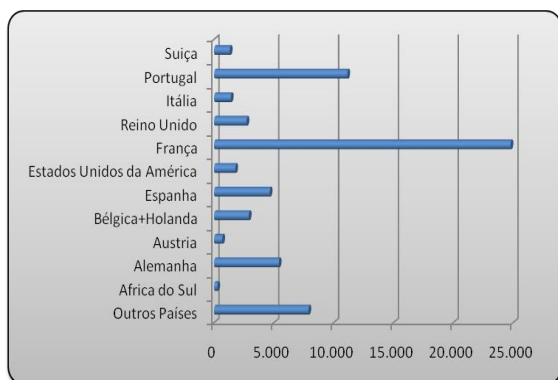


Figura 4.8: Número de Dormidas por País de residência

FONTE: INE (2013)

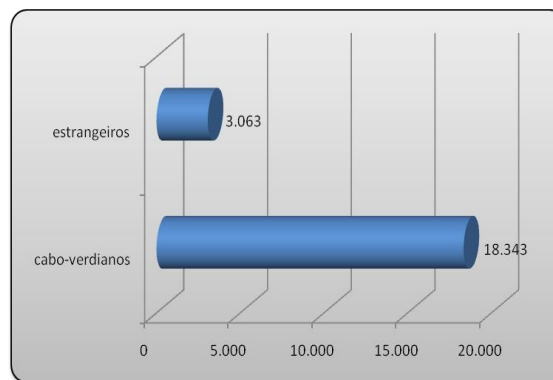


Figura 4.9: Número de dormidas dos residentes que utilizaram os Estabelecimentos Hoteleiros

FONTE: INE (2013)

No que diz respeito as dormidas, segundo o país de residência, como consta na Figura 4.8, os Franceses foram aqueles que mais permaneceram nos estabelecimentos hoteleiros na ilha, seguido dos Portugueses, Espanhóis, Holandeses, Belgas, entre outros. Dos residentes em Cabo Verde como se poderá verificar na Figura 4.9, os cabo-verdianos foram os que efectuaram o maior número de dormidas.

### 4.4 Conclusão

Neste capítulo, foram apresentadas as características turísticas da ilha de São Vicente, tanto no que diz respeito a oferta, onde pode-se constatar que a ilha possui potencialidades para se afirmar como destino turístico, devido a sua oferta diversificada, tanto em termos das condições para potenciar os diferentes tipos de turismo a serem praticados, como também da capacidade hoteleira da ilha. No que diz respeito a procura turística pode-se verificar que, ao longo dos anos ela vem sofrendo oscilações, o que faz com que a ilha fique aquém dos outros destinos turísticos do país mais solidificados, que é o caso das ilhas do Sal e da Boavista.



## Capítulo 5. Metodologia do estudo empírico

### 5.1 Introdução

Associar o fenómeno turístico ao fenómeno migratório, nesse caso a emigração, teve como propósito, analisar o processo de retorno dos emigrantes, ao seu país de origem, seja para férias ou simplesmente para visitar familiares e amigos, conhecido em termos turísticos de visita a familiares e amigos (VFA), para que melhor se possa conhecer este processo e a sua dinâmica do ponto de vista turístico.

Anualmente são publicados informações sobre a evolução do turismo em Cabo verde, tanto a nível nacional, como também a nível regional (cada ilha), que são disponibilizados pelo INE, em colaboração com diversas entidades nacionais ligadas ao turismo.

Contudo, no que diz respeito as visitas dos Cabo-verdianos residentes no estrangeiro, a Cabo Verde, notou-se não haver informações sobre este tema, daí que se decidiu fazer um estudo abordando o tema, de forma a dar a conhecer melhor este fenómeno, sendo que não existe nenhuma informação disponível sobre as motivações da viagem, as suas características e ainda o impacto económico na actividade turística da ilha.

Assim, neste Capítulo objectiva-se apresentar o roteiro metodológico do estudo empírico que permitirá identificar as despesas que os emigrantes efectuam durante as suas estadas na ilha de São Vicente.

### 5.2 Metodologia utilizada para elaboração do estudo

Tendo em conta que para a elaboração de estudos científicos torna-se necessário a escolha e a utilização de uma metodologia de investigação científica, que é definida como “o estudo da organização dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência” (Fonseca, 2007 citado por Gerhardt e Souza, 2009, p.12).

Assim, foi necessário no âmbito deste trabalho escolher o caminho a ser percorrido para materializar o objectivo proposto. Em primeiro lugar desenvolveu-se uma fundamentação teórica que permite delimitar o campo de actuação do estudo, tendo abordados temas considerados como imprescindível, tais como a delimitação do turismo como factor

económico, tendo em conta as perspectivas da oferta e da procura, com forte ênfase na questão da delimitação das despesas que os visitantes internacionais efectuem durante a sua estada no destino visitado.

Ainda fez-se a análise de alguns estudos, que quantificaram as despesas dos visitantes nas regiões de destinos, com o intuito de poder estruturar da melhor forma o instrumento de recolha de dados para este trabalho. A escolha recaiu sobre o inquérito por questionário.

Assim a Figura 5.1 espelha de forma clara o roteiro metodológico construído para dar resposta ao objectivo deste estudo que é identificar as despesas que os visitantes internacionais (emigrantes) efectuem durante a estada na ilha de São Vicente.

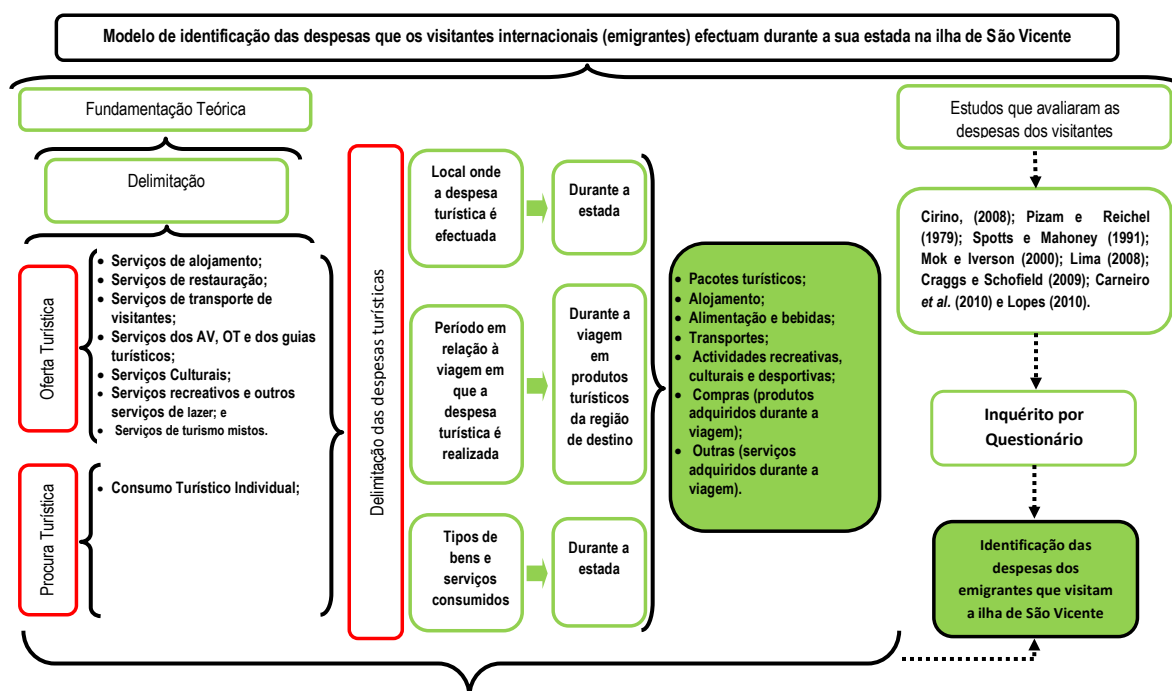


Figura 5.1: Modelo de identificação das despesas que os visitantes internacionais (emigrantes) efectuem durante a sua estada na ilha de São Vicente

Fonte: Elaboração Própria

### 5.3 Identificação da população em estudo

A população é definida por Pardanov e Freitas (2013, p.98) como “a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um estudo”. Já Lakatos e Marconi (2007), citados por Pardanov e Freitas (2013) defendem que esta população deve apresentar pelo menos uma característica em comum.

Contudo, Spiegel, Schiller e Srinivasan (2009, p.164) afirmam que estudar uma população (grupo inteiro) pode ser difícil ou até impossível de ser feito. Assim, recomenda-se que se deve avaliar apenas uma parte da população na qual se denomina de amostra.

Neste sentido, a amostra é definida por Pardakov e Freitas (2013) como o sub-conjunto da população, a partir do qual estabelecemos ou estimamos as características da população.

Contudo, Fonseca (2002) afirma que ao seleccionar uma amostra deve-se ter em conta a sua representatividade (todos os elementos da amostra devem ter as mesmas características da população) e a não tendenciosidade (os elementos da população que a amostra representa tem a mesma possibilidade de figurar nela), dando a garantia de que se pode generalizar para a população.

E de acordo com Hill e Hill (2009) a representatividade da amostra constitui um aspecto muito importante e tendo em conta o objectivo, a natureza da investigação e os recursos disponíveis, implica, normalmente, um universo com dimensão entre 100 e 500 casos.

Assim, neste estudo e considerando que se trata de um estudo académico, considera-se 130 casos uma opção comedida. Definiu-se como população alvo, todos os visitantes internacionais (emigrantes cabo-verdianos) com idade igual ou superior à 18 anos, que não se encontra no seu local de residência ou de trabalho, ou seja de visita a ilha de São Vicente, com uma duração maior que um dia e inferior a 12 meses consecutivos e cujo motivo da visita não é o de exercer uma actividade remunerada.

Tendo em conta que existem diversos tipos de amostragem (**amostra não probabilística**: por acessibilidade ou conveniência, intencional e por quotas; **amostra probabilística**: aleatória simples, estratificada, por etapas, sistemática e por conglomerados) (Zikmund, 2006, p.370; e Maroco, 2004). Decidiu-se pela amostragem aleatória simples, devido ao facto de não se conhecer o tamanho da população em estudo. Assim, segundo Vicente *et al.* (1996, p.48) amostra aleatória simples é um tipo de amostra que “dá a cada elemento da população a mesma possibilidade de ser escolhido”, ou seja a probabilidade de cada elemento de ser seleccionado é o mesmo.

## 5.4 Métodos de recolha de dados

Para a elaboração desta pesquisa, decidiu-se pela utilização do método inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados, uma vez que para o objectivo do estudo é o que melhor se enquadra.

Neste sentido, o inquérito por questionário é apresentado por Quivy, citado por Cirino (2008, p.86) como uma técnica que:

*“consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores”.*

Assim, para construção desta ferramenta, recorreu-se a revisão bibliográfica (delimitação económica do turismo tanto do ponto de vista da oferta como da procura), de forma a identificar de forma clara os componentes das despesas turísticas. Fez-se ainda uma adaptação de alguns questionários e das variáveis utilizadas em vários estudos desenvolvidos em Portugal, EUA, Reino Unido, Ilha de Guam e ilha de Santiago – Cabo Verde. (Cirino, 2008; Pizam e Reichel, 1979; Spotts e Mahoney, 1991; Mok e Iverson, 2000; Lima, 2008; Craggs e Schofield, 2009; Carneiro *et al.* 2010 e Lopes, 2010).

Na elaboração e redacção das questões teve-se o cuidado de apresenta-las de forma a ter uma configuração clara e cuidada, e perfeitamente perceptíveis pelos inquiridos.

Assim o questionário ficou estruturado em quatro partes, sendo a primeira a **caracterização da visita a ilha de São Vicente**, a segunda com questões sobre **as despesas efectuadas durante a estada na ilha de São Vicente**, a terceira sobre **a avaliação dos atributos da ilha de São Vicente** e a última com informação sobre o **perfil do visitante**.

Em termos de questões optou-se na sua maioria por questões fechadas, utilizando uma escala de Likert de 5 pontos. Este questionário foi submetido a um pré-teste na cidade do Mindelo no dia 26 de Agosto de 2013 com o objectivo de perceber o grau de dificuldade na resposta as questões. Não tendo registado necessidade de efectuar alterações ao

questionário, iniciou-se no dia 28 de Agosto a sua aplicação em vários pontos da ilha (Cidade do Mindelo, Aeroporto Internacional Cesária Évora, Ribeirinha, Monte Sossego, Ribeira Bote, entre outros) e decorreu até o dia 15 de Setembro.

Na análise dos dados recolhidos, recorreu-se ao programa estatístico SPSS (versão 17.0), onde se fez a análise uni-variada, tendo como recurso a análise da distribuição de frequência, estatísticas descritivas e médias aritméticas.

Os dados tratados são apresentados em tabelas e gráficos ilustrativos de forma a possibilitar uma melhor leitura e a sintetização dos resultados obtidos.

## 5.5 Conclusão

Neste capítulo desenvolveu-se a metodologia de estudo empírico, que teve como base um modelo que permitisse quantificar as despesas efectuadas por visitantes internacionais (emigrantes) durante a sua estada na ilha de São Vicente.

Este modelo foi desenvolvido tendo em conta a revisão bibliográfica e um conjunto de estudos desenvolvidos realizados em outros países de forma a estruturar o instrumento de recolha de dados e que neste caso optou-se pelo inquérito por questionário.

Ainda definiu-se os métodos de análise de dados a serem utilizados, tendo a escolha recaído sobre a análise uni-variada, mais precisamente, as frequências e as estatísticas descritivas, apresentadas através de gráficos e tabelas de forma simplificada.

## Capítulo 6. Apresentação e discussão dos resultados

### 6.1 Introdução

O capítulo que se segue tem como objectivo a apresentação e discussão dos resultados deste trabalho monográfico. E em primeiro lugar far-se-á a caracterização socioeconómica e demográfica dos inquiridos, para de seguida fazer a caracterização da viagem e apresentação dos níveis de despesas efectuadas pelos visitantes internacionais (emigrantes) durante a estada na ilha de São Vicente e ainda apresentar a avaliação do destino por parte dos visitantes.

### 6.2 Caracterização do perfil dos inquiridos

#### **Género, Idade e Estado Civil dos Inquiridos**

De seguida procede-se à caracterização dos visitantes (emigrantes) no que diz respeito ao género, idade e estado civil dos inquiridos. Assim, em relação ao género, os indivíduos do sexo feminino, representam a maioria dos visitantes, conforme os resultados obtidos, isto é, cerca de 55,4% são do sexo feminino e 44,6% do sexo masculino (Figura 6.1).

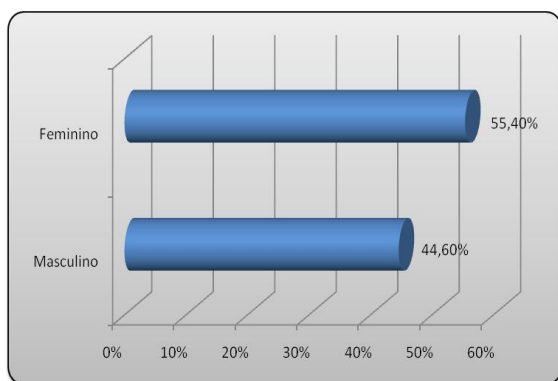


Figura 6.1: Sexo dos Inquiridos

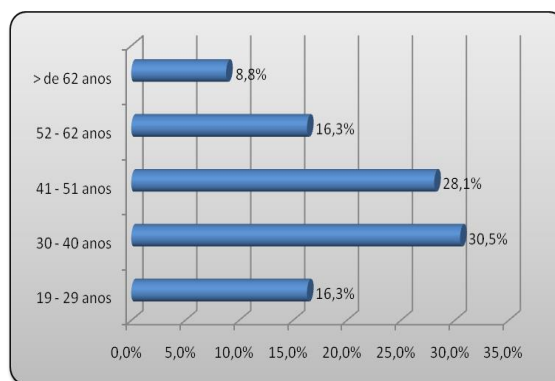


Figura 6.2: Idade dos Inquiridos

Em relação a idade, pode-se constatar que cerca de 30,5% tem idade compreendida entre os 30 e os 40 anos, 28,1% entre os 41 e 51 anos, 16,3% entre os 19 e os 29 anos e entre os 52 e 62 anos e ainda 8,8% com mais de 62 anos (Figura 6.2).

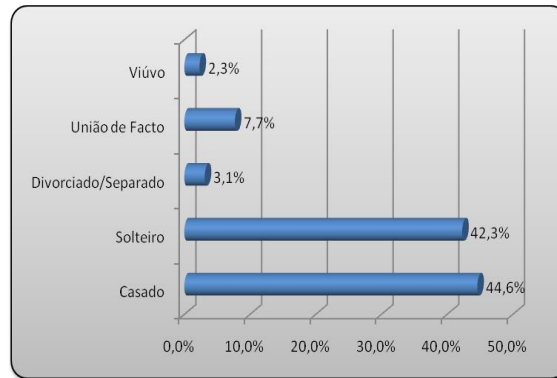


Figura 6.3: Estado Civil dos Inquiridos

No que diz respeito ao estado civil dos inquiridos, uma percentagem significativa é casado, isto é cerca de 44,6%, os solteiros são cerca de 42,3% e os restantes com outros estados civis, como se pode verificar na Figura 6.3.

### **Habilitações Literárias e Situação perante o trabalho**

Quanto as habilitações literárias dos inquiridos, 35,4% tem menor do que o ensino secundário, 41,5% possuem Ensino Secundário e 23,1% Ensino Superior (Figura 6.4).

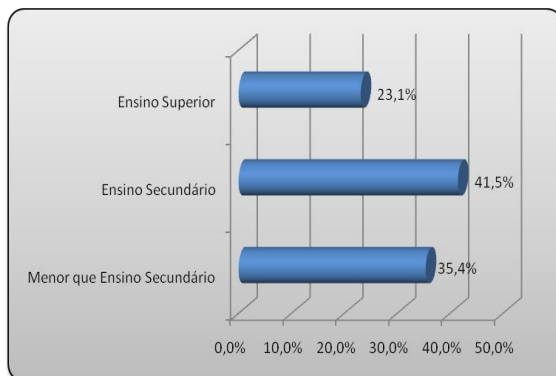


Figura 6.4: Habilitações Literárias dos Inquiridos

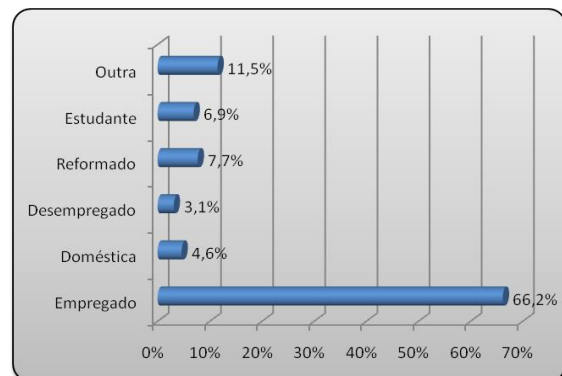


Figura 6.5: Situação dos inquiridos perante o trabalho

No que concerne a situação perante ao trabalho dos inquiridos concluiu-se que a maioria, com 66,2%, encontra-se empregado, 7,7% é reformado, 6,9% é estudante, 4,6% exerce funções domésticas, 3,1% estavam desempregados e 11,5% indicaram outra situação perante o trabalho (Figuras 6.5). Dos que indicaram outra situação perante o trabalho,

33,3% afirmaram ser trabalhador estudante, 26,6% jogadores de futebol, 40% trabalhadores por conta própria.

### **Número de Pessoas e Rendimento do Agregado Familiar**

Relativamente ao número de pessoas que compõe o agregado familiar dos inquiridos cerca de 26,6% dos inquiridos têm um agregado familiar composto por 3 pessoas, 24,2% vivem sozinhos, 24,2% é composto por 4 pessoas, 21% por duas pessoas, 3,2% por 5 pessoas e 0,8% por 7 pessoas (Figura 6.6).

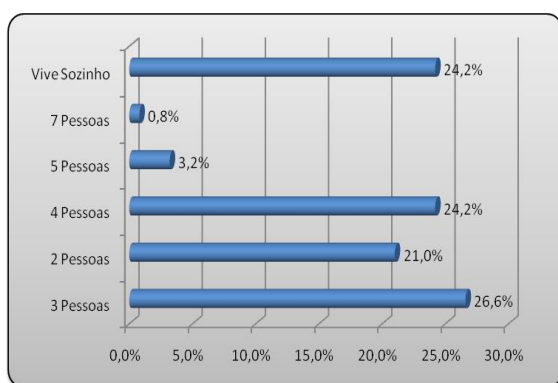


Figura 6.6: Número de pessoas do agregado familiar dos inquiridos

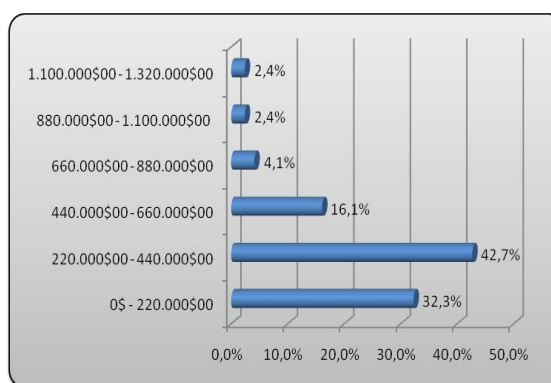


Figura 6.7: Rendimento mensal do agregado familiar dos inquiridos

No que concerne ao rendimento mensal do agregado familiar, cerca de 42,7% tem um rendimento mensal entre os 220.000\$00 e os 440.000\$00, 32,3% tem rendimento mensal entre os 0\$ e os 220.000\$00, 16,1% entre os 440.000\$00 e os 660.000\$00, 4% entre os 660.000\$00 e os 880.000\$00, 2,4% entre os 880.000\$00 e os 1.100.000\$00 e os restantes 2,4% entre os 1.100.000\$00 e os 1.320.000\$00 (Figura 6.7).

### **País de Residência e Ano de Emigração**

Em relação ao país de residência dos visitantes inquiridos, 33,8% residem na Holanda, 20,8% na França, 13,8% em Itália, 10,8% em Portugal, 6,9% nos Estados Unidos da América e os restantes distribuídos por outros países de acolhimento dos emigrantes, como se pode constatar na Figura 6.8.



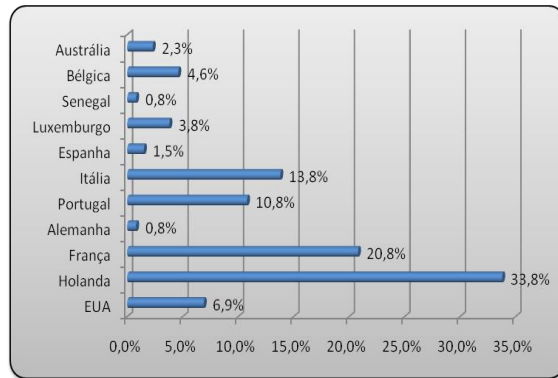


Figura 6.8: País de residência dos Inquiridos

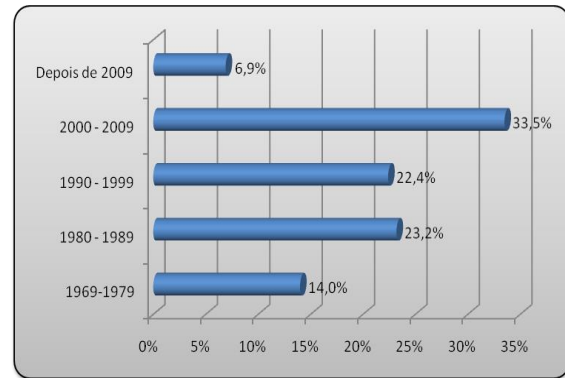


Figura 6.9: Ano de Emigração dos Inquiridos

Quanto ao ano de emigração dos inquiridos, a maior parcela emigrou entre os anos 2000 a 2009, isto é 33,5%, seguido dos que emigraram entre os anos 1980 e 1989 com 23,2%, dos de 1990 e 1999 com 22,4%, dos de 1969 e 1979 com 14% e finalmente dos que emigraram depois do ano de 2009 com 6,9%, como se pode verificar na Figura 6.9.

### **Dupla Nacionalidade**

Questionados sobre a sua condição perante os Serviços de Estrangeiros e Fronteiras no país de acolhimento, a maioria, possui a dupla nacionalidade, isto é, 70,8%, sendo que 10,7% não possui ainda a dupla nacionalidade e os restantes 18,5% dos inquiridos, indicaram outra condição (Figura 6.10).

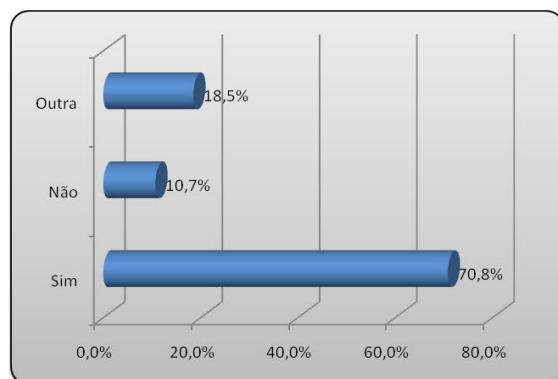


Figura 6.10: Inquiridos possuem dupla Nacionalidade

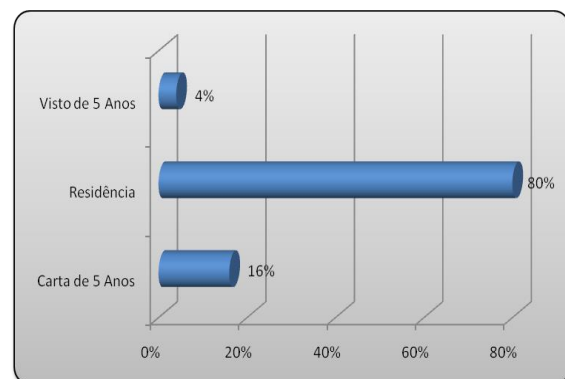


Figura 6.11: Outra condição

Assim, destes 18,5% que possuem outra condição, a maioria, isto é, 80% afirmaram ter cartão de residência, 16% carta de 5 anos e 4% são detentores de um visto de 5 anos (Figura 6.11).

### 6.3 Caracterização da viagem

#### **Frequência de visita a ilha**

Em relação a frequência da visita à ilha de São Vicente, a maior parcela dos inquiridos, com 27,7% visitam a ilha uma vez por ano, seguido dos 21,5% que visitam de dois em dois anos e dos 15,4% que raramente visitam a ilha. Contudo, convém ressaltar que somente 7,7% é que visitava a ilha pela primeira vez desde que emigrou (Figura 6.12).

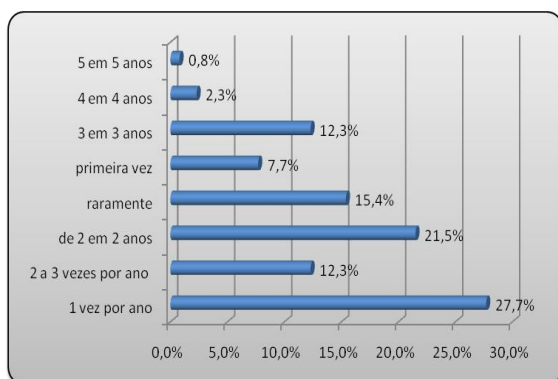


Figura 6.12: Frequência de visita a ilha

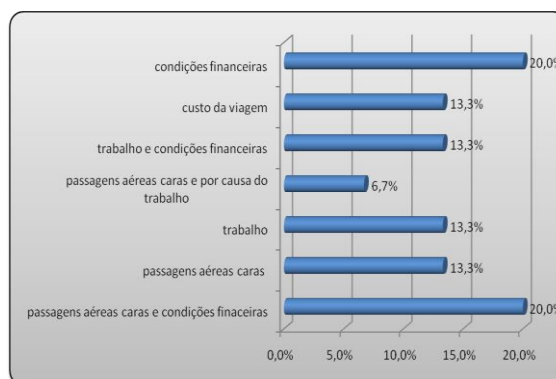


Figura 6.13: Inquiridos que responderam raramente

Dos que responderam que visitam a ilha raramente, 20% justificaram esta situação nos preços das passagens aéreas que consideram ser elevadas e também devido a condições financeiras. Outros 20% justificaram apontando as condições financeiras, 13,3% indicaram o trabalho como a causa, 13,3% indicaram o trabalho e as condições financeiras, 13,3% indicaram o custo da viagem como sendo muito elevada, 13,3% apontam passagens aéreas muito caras e ainda 6,7% indicaram que viajam raramente porque as passagens aéreas são caras e por causa do trabalho (Figura 6.13).

#### **Período de visita à ilha e às outras ilhas que visitam**

Em relação ao mês em que os inquiridos costumam visitar a ilha, pode-se constatar através da Figura 6.14 que os meses de Julho e Agosto (estação do “verão”) são os meses preferidos pela maioria dos inquiridos para visitarem a ilha.

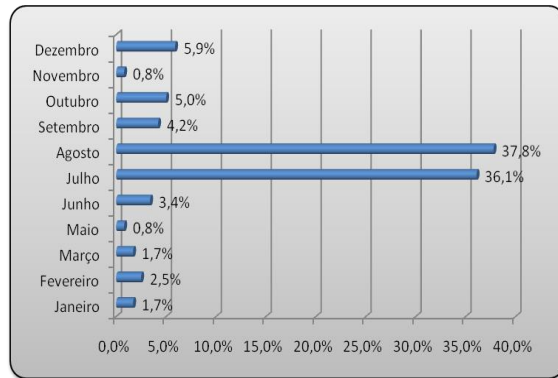


Figura 6.14: Período da visita

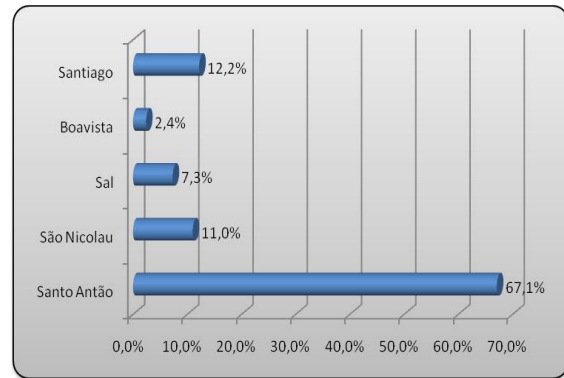


Figura 6.15: Ilhas que costumam visitar

Quanto às ilhas que estes costumam visitar, a maioria dos inquiridos, 67,1% costumam visitar a ilha de Santo Antão, isto prende-se a proximidade das duas ilhas (Figura 6.15).

### **Duração da estada**

No que diz respeito ao número de noites passadas na Ilha de São Vicente, em média os visitantes inquiridos passam 31,25 noites na Ilha, com um desvio-padrão de 18,761.

### **6.4 Motivos da visita a ilha**

Para fazer a identificação dos motivos que levaram os inquiridos a escolherem a ilha de São Vicente, utilizou-se o método de medição da percepção e do comportamento, desenvolvido por Likert. Neste caso, foram apresentadas dezanove afirmações passíveis de traduzir as motivações dos visitantes e que foram medidas através de uma escala que varia entre 1 (Discordo completamente) e 5 (Concordo completamente).

Tabela 6.1: Motivações de viagem dos visitantes

	N	Desvio Padrão	Média	Avaliação				
				1	2	3	4	5
<b>Ter uma experiência que envolve desafios ou risco</b>	102	, 855	1,77	44,1%	39,2%	12,7%	2,9%	1,0%
<b>Aprender/Expandir o conhecimento</b>	100	, 958	2,03	33,0%	42,0%	14,0%	11,0%	0%
<b>Estar num ambiente calmo</b>	107	, 975	3,50	2,8%	12,1%	30,8%	40,2%	14,0%
<b>Experimentar coisas novas</b>	104	, 953	3,25	2,9%	19,2%	35,6%	34,6%	7,7%
<b>Conhecer-me melhor</b>	101	1,076	2,32	24,8%	36,6%	24,8%	9,9%	4,0%
<b>Estar num ambiente diferente</b>	105	, 717	3,71	1,0%	4,8%	23,8%	62,9%	7,6%
<b>Interagir com os residentes locais</b>	115	, 700	4,03	0,9%	1,7%	12,2%	63,5%	21,7%
<b>Apreciar a paisagem</b>	104	, 879	3,06	3,8%	21,1%	43,3%	28,8%	2,9%
<b>Estar próximo da natureza</b>	104	, 949	2,86	7,7%	25,0%	46,2%	16,3%	4,8%
<b>Evitar preocupações do dia-a-dia</b>	111	1,482	2,83	30,6%	12,6%	14,4%	27,9%	14,4%
<b>Conhecer pessoas novas</b>	108	, 918	3,21	5,6%	10,2%	48,1%	29,6%	6,5%
<b>Realizar actividades diferentes</b>	112	, 855	3, 84	2,7%	3,6%	18,8%	57,1%	17,9%
<b>Sentir-me livre para fazer aquilo que eu quero</b>	107	1, 137	1,83	54,2%	26,2%	3,7%	14,0%	1,9%
<b>Descansar</b>	124	, 934	3,85	4,8%	1,6%	17,7%	54,8%	21,0%
<b>Estar com amigos</b>	122	, 898	4,07	3,3%	2,5%	9,8%	53,3%	31,1%
<b>Melhorar as minhas capacidades físicas</b>	101	, 797	1,63	47,5%	47,5%	2,0%	0,0%	3,0%
<b>Estar num ambiente não poluído</b>	104	1,203	1,96	35,6%	45,2%	12,5%	1,0%	5,8%
<b>Estar com familiares</b>	127	, 607	4,77	0,8%	1,6%	0,0%	15,0%	82,7%
<b>Ter uma Experiência que envolva surpresa</b>	103	, 945	3,42	4,9%	9,7%	32,0%	45,6%	7,8%

Das motivações que foram objecto de análise (Tabela 6.1) observa-se que os motivos mais importantes para visitar a ilha de São Vicente são: estar com os familiares, estar com os amigos, interagir com os residentes locais, descansar, realizar actividades diferentes, estar num ambiente diferente e estar num ambiente calmo. Por sua vez, as que tiveram menor importância foram as de estar num ambiente não poluído, ter uma experiência que envolve desafios ou riscos, sentir-me livre para fazer aquilo que eu quero e melhorar as minhas capacidades físicas.

## 6.5 Principal meio de alojamento e transporte utilizado

No que se refere ao meio de alojamento utilizado pelos visitantes inquiridos, constatou-se que a maioria utiliza o alojamento gratuito em casa de familiares e amigos, isto pode ser justificado pelo facto de o público-alvo do estudo ser os emigrantes e como tal, utilizam mais este tipo de alojamento. O alojamento turístico em residências secundárias (casa própria) foi o outro meio de alojamento que adquiriu a preferência dos emigrantes. (Figura 6.16).

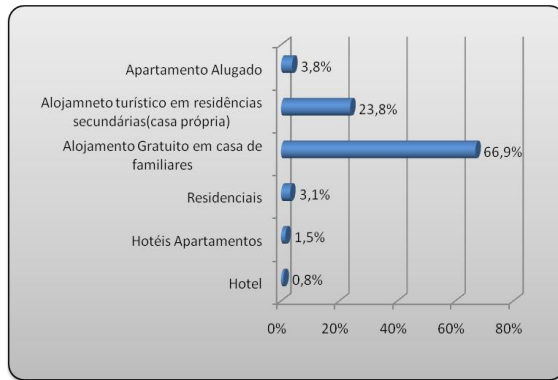


Figura 6.16: Meio de alojamento utilizado

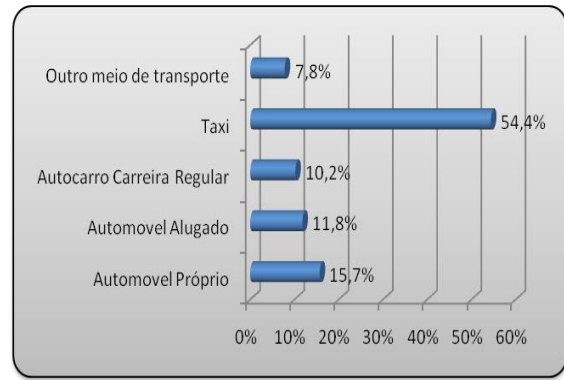


Figura 6.17: Meio de transporte utilizado

Em relação ao meio de transporte mais utilizado pelos emigrantes, verificou-se que o Táxi, conquistou a preferência, seguido pelo automóvel próprio, automóvel alugado, e o autocarro carreira regular. Contudo, convém salientar que a categoria outro meio de transporte integra os automóveis emprestados por amigos e familiares, sendo que o mais utilizado desta categoria foi o automóvel de família, (Figura 6.17)

## 6.6 Actividades praticadas durante a estada na ilha de São Vicente

As actividades mais praticadas pelos emigrantes durante a estada na ilha de São Vicente, descritas de acordo com a importância são: fazer compras, fazer praia, Visitar infra-estruturas recreativas, participar em actividades culturais, participar em actividades desportivas, entre outras. (Figura 6.18).

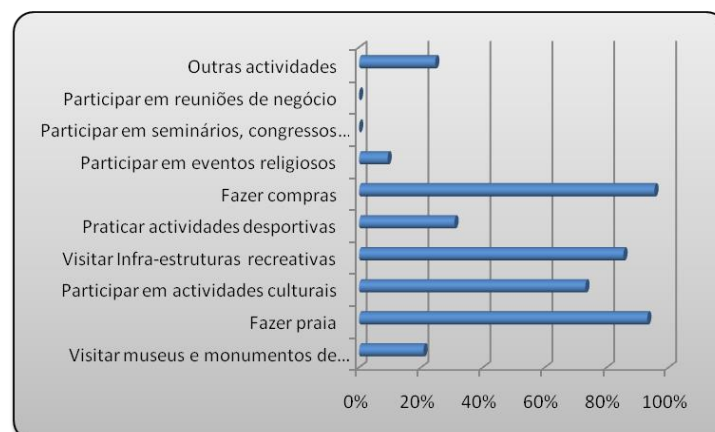


Figura 6.18: Actividades praticadas durante a estada

Convém ainda realçar que as actividades como participar em reuniões de negócio, participar em seminários, congressos e conferências não conquistaram a preferência dos emigrantes, constatando que nenhum dos visitantes desenvolveu estas actividades. (Figura 6.18).

## 6.7 Características do grupo da viagem

### Companhia de viagem

No que concerne à companhia de viagem, os visitantes inquiridos que visitaram a ilha de São Vicente, a maior parte viajou sozinho (46,2%), seguindo-se os que viajaram com a família (32,3%) e os que viajaram na companhia de outras pessoas (19,2%) (Figura 6.19).

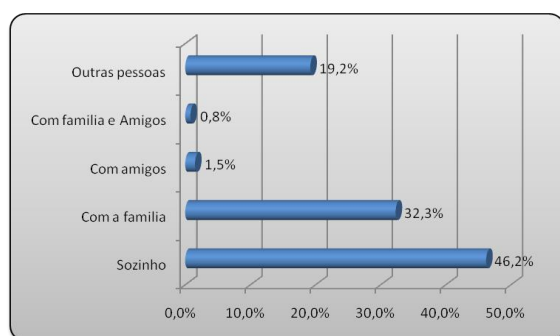


Figura 6.19: Companhia de viagem

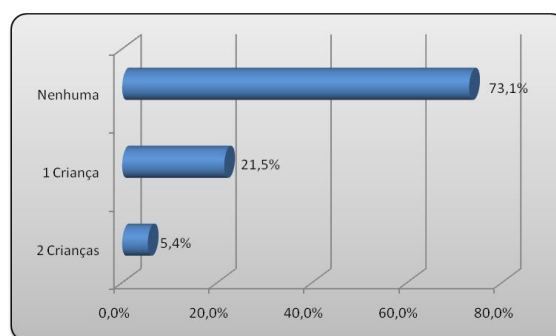


Figura 6.20: N° de crianças no seio do grupo

No que diz respeito a presença de crianças no seio do grupo de viagem pode-se concluir que dos visitantes inquiridos, a maioria (73,1%) viajou sem que tivesse nenhuma criança no grupo de viagem, seguido dos que viajaram acompanhados por duas crianças (21,5%) e dos que viajaram com uma criança no seio do grupo (5,4%) como se pode constatar na Figura 6.20). Em média, os emigrantes viajaram com 0,32 crianças no seio do grupo, com um desvio padrão de 0,574.

## 6.8 Companhia aérea utilizada

Relativamente a companhia aérea utilizada, a maioria dos emigrantes, utilizou a companhia de bandeira para regressar a Cabo Verde, isto é, 76,2% escolheram os TACV – Cabo Verde Airlines, enquanto 23,8% dos visitantes inquiridos afirmaram ter usado uma outra companhia aérea, nesse caso estrangeira (Figura 6.21).

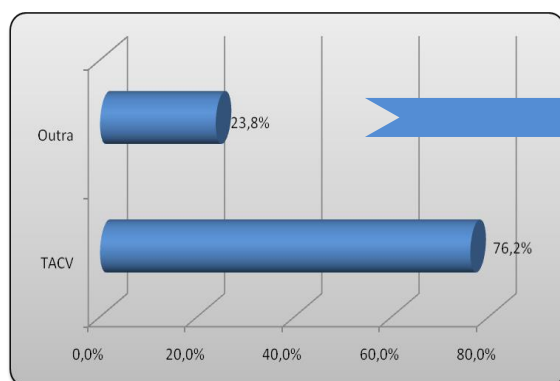


Figura 6.21: Companhia aérea utilizada

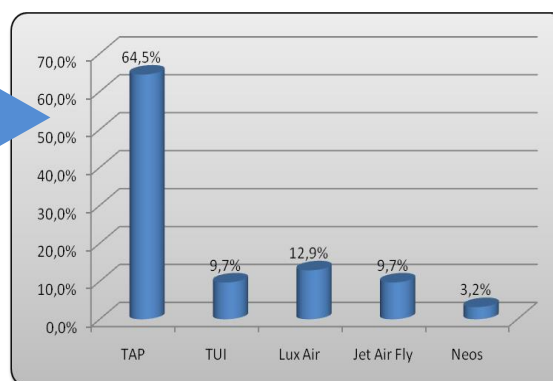


Figura 6.22: Outras companhias aéreas utilizadas

Dos que afirmaram ter utilizado uma outra companhia a ordem de preferência recaiu sobre TAP - Air Portugal (64,5%), seguido da Lux Air (12,9%), da TUI (9,7%), da Jet Air Fly (9,7%) e os restantes 3,2% dos inquiridos, utilizaram a companhia aérea Neos (Figura 6.22).

## 6.9 Despesas turísticas efectuadas pelos emigrantes durante a sua estada na ilha de São Vicente

Em relação as despesas turísticas efectuadas pelos emigrantes na ilha de São Vicente, pode-se concluir que, as despesas médias totais para o grupo na ilha foram de 184.517\$00 (cento e oitenta e quatro mil quinhentos e dezassete escudos), as despesas médias diárias por grupo foram de 6.412\$00 (seis mil quatrocentos e doze escudos) enquanto as despesas médias diárias por pessoa foram de 4.490\$00 (quatro mil quatrocentos e noventa escudos) (Tabela 6.2).

No que diz respeito ao responsável pelo pagamento das despesas efectuadas pelos emigrantes na ilha de São Vicente, 63,0% afirmaram ser responsáveis apenas pelas suas despesas, 18,5% afirmaram que para além de si eram responsáveis pela despesa de 1 (uma) pessoa, 11,5% responderam que eram responsáveis pela despesa de 2 (duas) pessoas, 6,2% pelas despesas de 3 (três) pessoas e 0,8% pelas despesas de 4 pessoas.

Quanto à questão do montante pago às Agências de viagem na organização das suas viagens, todos (100%) os visitantes inquiridos afirmaram não terem utilizado/requisitado os serviços das agências de viagens ou operador turístico.

### Estrutura das despesas dos emigrantes

Tabela 6.2: Estrutura das despesas dos emigrantes

Tipos de Produtos Adquiridos	Valor Médio das despesas			Estrutura das Despesas (%)		
	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa
<b>Alojamento</b>	5.524\$00	337\$00	212\$00	2,9%	5,25%	4,72%
<b>Alimentação e Bebidas</b>	44.868\$00	1.523\$00	1.132\$00	24,3%	23,75%	25,21%
<b>Transporte</b>	26.392\$00	1.046\$00	764\$00	14,3%	16,31%	17,01%
<b>Actividades Rec. Desp. e Cult.</b>	27.018\$00	987\$00	764\$00	14,6%	15,39%	17,01%
<b>Compras</b>	11.369\$00	382\$00	301\$00	6,1%	5,95%	6,70%
<b>Outras Despesas</b>	69.376\$00	2.137\$00	1.317\$00	37,5%	33,32%	29,33%
<b>Total</b>	184.517\$00	6.412\$00	4.490\$00	100%	100%	100%

Relativamente a estrutura das despesas dos visitantes, pode-se concluir que as maiores despesas totais para o grupo, diárias por grupo e diárias por pessoa, foram efectuadas no item outras despesas (Serviços pessoais, Telefone e outras comunicações e Reparações de bens turísticos), logo seguido das despesas em alimentação e bebidas. Não obstante as menores despesas foram registadas em alojamento, sendo que neste item tanto a despesa total para o grupo como também a diária por grupo e a diária por pessoa registaram percentagens de despesas mais baixas, isto pode ser justificado pelo facto de estes utilizarem as residências dos familiares. (Tabela 6.2)

### Estrutura das despesas dos emigrantes em alimentação e bebidas

Assim passa-se agora a discriminar cada um dos itens referenciados no quadro acima.

Tabela 6.3: Estrutura das despesas dos emigrantes em alimentos e bebidas

Tipos de Produtos Adquiridos	Valor Médio das despesas			Estrutura das Despesas (%)		
	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa
<b>Alimentação e Bebidas:</b>	<b>44.868\$00</b>	<b>1.523\$00</b>	<b>1.132\$00</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>
Restaurantes, Cafés, Bar	15.064\$00	541\$00	412\$00	34%	36%	36,4%
Unidades de Alojamento	2.878\$00	134\$00	91\$00	6,4%	8,8%	8,0%
Supermercados, Take Away ou fast food ou outro est. Comércio	26.739\$00	840\$00	626\$00	59,6%	55,1%	55,3%

No que concerne às despesas dos emigrantes em alimentação e bebidas conclui-se que as maiores despesas foram efectuadas na aquisição de produtos alimentares em



supermercados, *take away ou fast food* ou em outros estabelecimentos comerciais, com um total de 59,6% das despesas totais para o grupo, 55,1% das despesas diárias por grupo e 55,3% das despesas diárias por pessoa. Contudo, as menores percentagens dos gastos em alimentação foram efectuadas em unidades de alojamento, em toda a estrutura das despesas (totais para o grupo, diárias por grupo e diárias por pessoas) (Tabela 6.3).

### **Estrutura das despesas dos emigrantes em Transporte**

Relativamente às despesas de transportes efectuadas pelos emigrantes durante a sua estada na ilha de São Vicente, registou-se os maiores gastos ao nível das despesas totais para o grupo, diárias por grupo e diárias por pessoa, em alugueres de viaturas sem condutor, isto é, nos Rent-a-car. Sendo que as menores despesas nas diárias por grupo foi no item outras despesas com meio de transporte, sendo que neste item também se registou a percentagem mais baixa nos totais para o grupo e nas diárias por pessoa (Tabela 6.4).

Tabela 6.4: Estrutura das despesas dos emigrantes em Transporte

Tipos de Produtos Adquiridos	Valor Médio das despesas			Estrutura das Despesas (%)		
	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa
<b>Transportes:</b>	<b>26.393\$00</b>	<b>1.046\$00</b>	<b>764\$00</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>
Transportes públicos (táxi, ou autocarro)	4.575\$00	155\$00	116\$00	17,3%	14,8%	15,1%
Rent- a-car em São Vicente	13.781\$00	626\$00	447\$00	52,2%	59,8%	58,5%
Despesas com meios de transporte particular ou alugado	7.660\$00	254\$00	194\$00	29,0%	24,3%	25,4%
Outras Despesas	377\$00	11\$00	7\$00	1,4%	1,0%	0,9%

### **Estrutura das despesas dos emigrantes em Actividades Recreativas Culturais e Desportivas**

Relativamente às despesas efectuadas pelos emigrantes em actividades recreativas, culturais e desportivas, as maiores despesas foram registadas no item despesas com actividades recreativas, sendo que estas foram registadas tanto nos totais para o grupo, como nas diárias por grupo e ainda nas diárias por pessoa. No que concerne às menores despesas foram efectuadas em actividade desportiva (mergulho), onde não foram efectuadas nenhuma despesa por parte dos emigrantes (Tabela 6.5).

Tabela 6.5: Estrutura das despesas dos emigrantes em actividades recreativas culturais e desportivas

Tipos de Produtos Adquiridos	Valor Médio das despesas			Estrutura das Despesas (%)		
	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa
<b>Actividades recreativas, culturais e desportivas:</b>	<b>27.018\$00</b>	<b>987\$00</b>	<b>764\$00</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>
Visita a museus e outras actividades culturais.	4.003\$00	143\$	110\$00	14,8%	14,5%	14,4%
Mergulho	0\$00	0\$00	0\$00	0%	0 %	0%
Outras Actividades Desport.	926\$00	36\$00	25\$00	3,4%	3,7%	3,3%
Actividades recreativas	17.334\$00	657\$00	505\$00	64,2%	66,5%	66,1%
Outras	4.755\$00	151\$00	124\$00	17,6%	15,3%	16,2%

### Estrutura das despesas dos emigrantes em Compras

No que se refere as despesas em compras pode-se verificar na Tabela 6.6 que as maiores despesas totais para o grupo foram efectuadas na compra de outros produtos, enquanto que as maiores despesas diárias por grupo e diária por pessoa foram efectuadas na aquisição de produtos de cariz local, isto é, nos produtos típicos.

Tabela 6.6: Estrutura das despesas dos emigrantes em compras

Tipos de Produtos Adquiridos	Valor Médio das despesas			Estrutura das Despesas (%)		
	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa
<b>Compras:</b>	<b>11.369\$00</b>	<b>382\$00</b>	<b>301\$00</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>
<b>Produtos Típicos:</b>	5.467\$00	205\$00	153\$00	48%	53,7%	50,9%
Alimentação	2.227\$00	76\$00	56\$00	19,5%	20,0%	18,6%
Bebidas	1.421\$00	55\$00	42\$00	12,5%	14,4%	14,0%
Artesanato	1.819\$00	74\$00	55\$00	16,0%	19,3%	18,3%
<b>Outros produtos</b>	5902\$00	177\$00	148\$00	52,0%	46,3%	49,1%

Já em relação a compra de produtos típicos, constatou-se que as maiores despesas totais para o grupo, como as diárias por grupo e por pessoa foram efectuadas na aquisição de alimentos típicos, sendo que as menores despesas totais para o grupo, diárias por grupo e diária por pessoa foram registadas na aquisição de bebidas típicas. Assim pode-se concluir que em termos de compras, as bebidas típicas nacionais foram as que menos dinheiro foi dispendido (Tabela 6.6).

### **Outras despesas efectuadas pelos emigrantes**

Relativamente às outras despesas efectuadas pelos emigrantes no destino, verificou-se que estes efectuaram as maiores despesas em serviços pessoais (cabeleireiro; sauna; massagens; cuidados de beleza; Seguro de viagem; Taxas de câmbio e cheques de viagem; impostos e taxas) tanto em termos de totais para o grupo, como as despesas diárias por grupo e por pessoa.

Tabela 6.7: Estrutura das despesas dos emigrantes em outras despesas

Tipos de Produtos Adquiridos	Valor Médio das despesas			Estrutura das Despesas (%)		
	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa	Totais por Grupo	Diárias por Grupo	Diárias por pessoa
<b>Outras despesas:</b>	<b>69.376\$00</b>	<b>2.173\$00</b>	<b>1.317\$00</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>
Serviços pessoais	62.433\$00	1.939\$00	1.142\$00	90%	89,2%	86,7%
Telefone e outras comunicações.	6.696\$00	226\$00	168\$00	9,6%	10,4%	12,7%
Reparações de bens turísticos	247\$00	8\$00	7\$00	0,3%	0,4%	0,5%

As menores despesas recaíram sobre o item reparação de bens turísticos, em toda a estrutura das despesas (Tabela 6.7).

### **Despesas médias efectuadas pelos emigrantes em visitas anteriores à São Vicente**

No que diz respeito às despesas efectuadas nas visitas anteriores à ilha de São Vicente, em média os emigrantes gastaram na última visita, cerca de 228.710\$00 (duzentos e vinte e oito mil setecentos e dez escudos), isto é, uma média superior as despesas totais para grupo no destino (184.517\$00).

#### **6.10 Avaliação do destino**

Os atributos da Ilha de São Vicente foram avaliados tendo em conta a escala de Likert, sendo o critério a Segurança o mais apreciado (71,5% dos emigrantes classificaram-na como bom). A seguir o critério de Animação Turística (classificado por 64,9% dos emigrantes como bom) e por fim a Sinalética (59,1% a considerarem-na como bom) (Tabela 6.8).

Tabela 6.8: Avaliação do destino

	N	Desvio Padrão	Média	Avaliação				
				1	2	3	4	5
<b>Sinalética</b>	110	, 599	3,56	0,0%	4,5%	35,5%	59,1%	0,9%
<b>Qualidade das infra-estruturas viárias</b>	114	, 833	3,15	1,8%	21,1%	39,5%	36,0%	1,8%
<b>Animação Nocturna</b>	111	, 594	4,05	0,0%	0,0%	15,3%	64,9%	19,8%
<b>Informação Turística</b>	83	, 613	3,12	0,0%	10,8%	68,7%	18,1%	2,4%
<b>Segurança</b>	123	, 570	3,89	0,0%	1,6%	17,1%	71,5%	9,8%
<b>Relação Qualidade/Preço do Alojamento</b>	94	, 712	2,56	5,3%	40,0%	46,8%	7,4%	0,0%
<b>Relação Qualidade/Preço alimentação e Bebidas</b>	130	, 819	2,68	6,9%	33,1%	46,2%	13,1%	0,8%
<b>Relação Qualidade/Preço do Transporte</b>	123	, 764	3,08	4,9%	8,9%	61,0%	23,6%	1,6%
<b>Relação Qualidade/Preço Actividades Recreativas, Culturais e Desportivas</b>	112	, 806	3,31	5,4%	2,7%	50,0%	39,3%	2,7%

Em relação ao nível de satisfação com a visita à ilha, também avaliado na escala de Likert (1- Muito Insatisfeito e 5 - Muito Satisfeito), verificou-se que os emigrantes em média (4,55) apreciaram de forma positiva a viagem, isto é, 60% dos emigrantes inquiridos responderam estar muito satisfeitos e 34,6% responderam estar satisfeitos com a visita à ilha.

Relativamente à probabilidade de recomendar Cabo Verde ao seu grupo de amigos naturais do seu país de residência, em média (4,11) os emigrantes responderam positivamente, ou seja, 50% afirmaram como provável e ainda 32,3 % afirmaram como muito provável. Quanto a recomendar São Vicente ao seu grupo de amigos do seu país de residência, também em média (4,10) responderam positivamente, sendo que 50,8% afirmaram como provável e 31,5% afirmaram como muito provável. Essas duas questões também foram avaliadas de acordo com a escala de Likert (1 - Muito Improvável e 5 - Muito Provável).

## 6.11 Conclusão

Em termos de conclusão pode dizer que a maior parte dos emigrantes inquiridos têm a idade compreendida entre os 30 e os 40 anos, casado e com o ensino secundário. Ainda possuem um agregado familiar composto por 3 pessoas, um rendimento mensal entre os 220.000\$00 e os 440.000\$00, residem na Holanda, visitam a ilha uma vez por ano, passam em média 31,25 noites e viajam para estar com os familiares e amigos, interagir com os residentes locais, descansar, realizar actividades diferentes, estar num ambiente diferente e calmo.

Ainda em termos de caracterização do perfil dos emigrantes constatou-se que a maioria é do sexo feminino, empregado, costumam visitar a ilha nos meses de Julho e Agosto, utiliza o alojamento gratuito em casa de familiares e amigos e a companhia de bandeira para regressar a Cabo Verde. O principal meio de transporte utilizado foi o Táxi.

Em termos de despesas efectuadas durante a estada constatou-se que as maiores despesas totais para o grupo, diárias por grupo e diárias por pessoa, foram efectuadas no item outras despesas (Serviços pessoais, Telefone e outras comunicações e Reparações de bens turísticos), logo seguido das despesas em alimentação e bebidas.

## Capítulo 7. Conclusão

No percurso de elaboração deste trabalho que objectivou identificar as despesas dos emigrantes durante a sua estada na ilha de São Vicente desenvolveu-se uma metodologia que permitiu alcançar tal proposto. Contudo, o desenvolvimento desta metodologia só foi possível com base numa forte análise em termos conceptuais das nomenclaturas desenvolvidas no âmbito da Conta Satélite do Turismo.

Assim, em termos teóricos constatou-se que a Conta Satélite do Turismo, através do seu quadro conceptual veio diluir o problema da grande ambiguidade e falta de consenso que existia no sector turístico, muito por causa da sua natureza multifacetada e multidisciplinar.

Ainda em termos teóricos pode-se concluir que a revisão bibliográfica permitiu ver que relativamente às despesas turísticas, uma vez que nestas centralizavam o objectivo do estudo, podem ocorrer em três momentos: antes, durante e depois da viagem.

Em termos das migrações, conclui-se que estas e o turismo se diferenciam em termos conceptuais, mas as migrações podem potenciar o turismo, isto quando se fala do turismo de migrantes ou de visita a familiares e amigos, que nada mais é do que o retorno dos emigrantes ao país de origem, tendo como finalidade principal a visita aos seus familiares e amigos, no intuito de manter os laços. Assim sendo, as viagens de regresso constituem um mercado turístico importante, devido as movimentações económicas que esta é capaz de gerar nesses locais.

Do ponto de vista prático os dados recolhidos através da aplicação dos inquéritos por questionário permitiram concluir que a maior parte dos emigrantes inquiridos têm a idade compreendida entre os 30 e os 40 anos, casado e com ensino secundário. Possuem um agregado familiar composto por 3 pessoas, um rendimento mensal entre os 220.000\$00 e os 440.000\$00, residem na Holanda, visitam a ilha uma vez por ano, passam em média 31,25 noites e viajam para estar com os familiares e amigos, interagir com os residentes locais, descansar, realizar actividades diferentes, estar num ambiente diferente e calmo.

Ainda em termos de caracterização do perfil dos emigrantes constatou-se que a maioria é do sexo feminino e empregado.

Em termos de comportamento de viagem pode-se concluir que os emigrantes costumam visitar a ilha nos meses de Julho e Agosto, utilizam o alojamento gratuito em casa de familiares e amigos e como tal, este segmento proporciona um rendimento económico reduzido, uma vez que não utilizam os estabelecimentos hoteleiros considerados específicos do turismo, logo este componente da estrutura da despesa foi a que registou os menores valores.

Do ponto de vista do transporte utilizado para viajar para Cabo Verde conclui-se que a maioria utiliza a companhia de bandeira, contudo, este estudo permite concluir ainda que uma percentagem considerável viaja á ilha raramente, devido ao facto de considerarem as passagens aéreas caras. Em termos de transporte na ilha o táxi foi o meio de transporte preferencialmente utilizado, sendo que uma percentagem considerável tenha utilizado automóvel próprio.

Respondendo ao objectivo principal deste trabalho que é quantificar as despesas que os emigrantes efectuam durante a sua estada na ilha de São Vicente pode-se concluir que as maiores despesas totais para o grupo, diárias por grupo e diárias por pessoa, foram efectuadas no item outras despesas (Serviços pessoais, Telefone e outras comunicações e Reparações de bens turísticos), logo seguido das despesas em alimentação e bebidas.

Em termos da estrutura das despesas dos emigrantes propriamente dito, pode-se concluir que em termos de alimentação e bebidas, as maiores despesas totais para o grupo no destino, diárias por grupo e diárias por pessoa foram efectuadas na aquisição de produtos alimentares em supermercados, *take away ou fast food* ou em outros estabelecimentos comerciais. Contudo, as menores despesas em alimentação foram as efectuadas em unidades de alojamento, e isto pode ser justificado pelo facto de que a maioria dos emigrantes inquiridos ficou alojada em residências de familiares e amigos.

Relativamente às despesas efectuadas pelos emigrantes durante a sua estada em transportes na ilha de São Vicente, os maiores gastos tanto ao nível das despesas totais para o grupo, diárias por grupo e diárias por pessoa, foi em alugueres de automóveis sem condutor, isto é, nos Rent-a-car.

No que diz respeito aos gastos efectuados pelos emigrantes em actividades recreativas, culturais e desportivas, os maiores foram registados em despesas com actividades recreativas, sendo que estes foram registados tanto nos totais para o grupo, como nas diárias por grupo e ainda nas diárias por pessoa.

Em termos de despesas efectuadas em compras pode-se concluir que os emigrantes registaram as maiores despesas totais para o grupo na compra de outros produtos, enquanto as maiores despesas diárias por grupo e diárias por pessoa foram efectuadas na aquisição de produtos de cariz local, isto é, nos produtos típicos, mais concretamente na aquisição de alimentos típicos, sendo que as menores despesas totais para o grupo, diárias por grupo e diárias por pessoa foram registadas na aquisição de bebidas típicas.

Ainda este estudo permitiu concluir que nas visitas realizadas anteriormente à ilha, os emigrantes gastaram em média mais do que na actual viagem em despesas totais para grupo no destino.

### Dificuldades e Limitações

Apesar da emigração Cabo-verdiana, já ser formalmente reconhecida pelas autoridades competentes do país, e da evolução da mesma, ainda há um longo caminho a percorrer, quer em relação ao conhecimento profundo das comunidades emigradas, em termos numéricos e principalmente do ponto de vista qualitativo. Assim, a falta de informações credíveis sobre o número de cabo-verdianos emigrados, dificultou na selecção da amostra.

Outra limitação prende-se com a fraca disponibilidade por parte do público-alvo desta investigação para responderem aos questionários, pois resultou na diminuição da amostra da população em estudo.

### Recomendações e propostas para futuras investigações

Devido a carência de estudos sobre o tema, recomenda-se a elaboração de mais estudos que possam abordar o mesmo assunto, o que poderá contribuir para um melhor conhecimento da diáspora cabo-verdiana.



Convicta de que ainda muitos estudos serão realizados em torno deste tema, uma vez que existe muitas questões e tópicos que podem ser estudados e que possam servir de complementaridade a este trabalho, propõe-se em termos de futuras linhas de investigação os seguintes temas:

- Preparar e sensibilizar os emigrantes para a importância de colaborarem activamente na realização dos estudos;
- A segmentação do mercado da emigração com base nalguns critérios nomeadamente as despesas turísticas;
- A aplicação desta metodologia a todo o território nacional;
- A inventariação do produto turístico de São Vicente.

Acreditando que ainda muito caminho terá de ser percorrido para melhor conhecer o sector do turismo, achou-se pertinente apresentar alguns temas que poderão contribuir para melhorar o desempenho competitivo de Cabo Verde e São Vicente em particular, enquanto destino turístico.

## Referências bibliográficas

- Ansarah, Marília Gomes dos Reis (2000). *Turismo, como Aprender e como Ensinar*. Volume 2, Terceira Edição. Brasil: Editora SENAC, Lda.
- Beni, Mário Carlos (1997). *Análise Estrutural do Turismo*. Decima Edição Actualizada. Brasil: Editora SENAC.
- Boiteux, Bayard do Coutto; Werner Mauricio (2009). *Introdução ao estudo do turismo*. Brasil: Elsevier Editora, Lda.
- Câmara Municipal de São Vicente (2009). *Guia Turístico de São Vicente*: Ficha Técnica. Backstage Comunicação.
- Cardoso, Kátia (2004). *Diáspora: A (Décima) Primeira Ilha de Cabo Verde, A Relação entre a Emigração e a Política Externa*. Lisboa: Instituto Superior da Ciência do Trabalho e da Empresa.
- Cardoso, Manuela. *Migrações e APD: efeitos nas alterações socioeconómicas de Cabo Verde*. In XI Congresso Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des) Igualdades (2011). Universidade Federal da Bahia. Acedido em 25 de Fevereiro de 2014, em [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306801479\\_ARQUIVO\\_emigracaoeAPD-efeitosemCaboVerde1.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306801479_ARQUIVO_emigracaoeAPD-efeitosemCaboVerde1.pdf)
- Carneiro, Maria João; Pelicano, Marisa e Eusébio, Celeste (2009). “*The market of music festivals: an expenditure patterns’ segmentation*”, *Proceedings da International Conference “Theoretical Advances in Tourism Economics*”, Universidade Lusíada de Lisboa, 23 a 24 de Abril de 2009.
- Cater and Goodall (1997). *Turismo como factor de desarrollo económico local: Trinidad de Cuba, ciudad de alto valor patrimonial*. Acedido a 9 de Março de 2013, em <http://www.monografias.com/trabajos93/turismo-como-factor-desarrollo-economico-local/turismo-como-factor-desarrollo-economico-local.shtml#resumena>
- Cirino, Silvia Fernandes (2008). *Turismo e Migrações: Impacto das Visitas a Portugal dos Emigrantes*. DEGEI. Aveiro.

- Cooper, Chris; Fletcher John; Fyall, Alan; Gilbert, David e Wanhill, Stephen (2007). *Turismo, princípios e práticas*. 3ª Edição. Brasil: Artmed, Editora S.A.
- Cunha, Licínio (1997). *Economia e Política do Turismo*. Amadora: Editora McGrawHill.
- Craggs, Ruth e Schofield, Peter (2009). *Expenditure-based segmentation and visitor profiling at The Quays in Salford, UK*. Tourism Economics, 15, 243 - 260.
- Eusébio, Maria Celeste (2006). *Avaliação do Impacte Económico do Turismo a nível regional: O Caso da Região Centro de Portugal*. DEGEI. Aveiro.
- Figueiredo, Joana Miranda (2005). *Fluxos Migratórios e Cooperação para o Desenvolvimento: Realidades Compatíveis no Contexto Europeu?*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Fonseca, João José (2002). *Metodologia da Pesquisa Científica*. Curso de Especialização em comunidades Virtuais de Aprendizagem – Informática Educativa. Universidade Estadual do Ceará.
- Gerhardt, Tatiana Engel; Souza, Aline Corrêa. *Aspectos Teóricos e Conceptuais*. In Gerhardt, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo (2009). *Métodos de Pesquisa*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 12.
- Gonçalves, Ortelinda (2009). *Migrações e Desenvolvimento*. Coleção: Portuguesas no Mundo. Porto: Fronteira do Caos Editores Lda.
- Gonçalves, Wanderley (2008). *Economia e Negócios*. Brasil: IESDE.
- Góis, Pedro (2006). *Emigração Cabo-verdiana Para (e na) Europa e a sua Inserção em Mercados de Trabalho Locais: Lisboa, Milão, Roterdão*. Lisboa: Universidade de Coimbra.
- Grassi, Marzia (2006). *Cabo Verde pelo Mundo: O Género e a Diáspora Cabo-verdiana*. Instituto de Ciências Sociais. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Hill, M. M, & HILL, A. (2005). *Investigação por questionário* (2.º ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (2010). *Censo 2010: Número de pessoas que emigraram, por sexo segundo os concelhos nos últimos 5 anos*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.

- Instituto Nacional de Estatística (2013). *Estatística do Turismo 2002 – 2012*. Praia: Instituto Nacional de Estatística. Acedido no dia 22 de Fevereiro de 2014 em <http://www.ine.cv/actualise/publicacao/files/7848221121112013Publica%C3%A7%C3%A3o%20Turismo%202002%20-%202012.pdf>
- Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (2013). *Estatísticas do Turismo 2012 Movimentação de Hóspedes*. Folha de Informação Rápida. Acedido em 08 de Março de 2013, em <http://www.ine.cv/actualise/destaques/files/500175391922013Estat%C3%ADsticas%20do%20Turismo%20-%20Ano%202012.pdf>
- Lage, Beatriz Helena e Milone, Paulo César (1998). *Impactos socioeconómicos do turismo*. Revista de Administração. V. 33, n. 4, 30-44. Acedido no dia 11 de Março de 2013 em <http://www.rausp.usp.br/download.asp?file=3304030.pdf>
- Lima, Joana Inês Silva (2008). *Turismo e Desenvolvimento Económico: Segmentos de maior valor económico para a Covilhã*. DEGEI. Aveiro.
- Lopes, Américo (2010). *Turismo e Desenvolvimento Económico: Segmentação do Mercado da Ilha de Santiago*. DEGEI. Aveiro.
- Lopes, Nadília (2012). *Percepção da população local sobre os impactos económicos do turismo na ilha de São Vicente*. Mindelo: Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais.
- Mastella, Alexandra (1997). *Atributos importantes para a escolha de uma agência de turismo: um estudo de caso, utilizando técnicas de preferência declarada*. Universidade de Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. Visitado em 09 de Abril de 2013, em <http://www.eps.ufsc.br/disserta98/mastella/cap2.html>
- Maroco, João (2004). *Análise estatística: com utilização do SPSS*. Lisboa. Edições Sílabo.
- Ministério das Comunidades (2013). *Comunidades: Boletim Electrónico do MDC*. Acedido em 22 de Fevereiro de 2014 em <http://www.mdc.gov.cv/images/pdf/InfSite%20Comunidades%20CV%20Final.pdf>
- Ministério da Economia, Crescimento e Competitividade. Direcção Geral do Turismo. *Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo em Cabo Verde 2010-2013*.

- Acedido em 09 de Março de 2013, em [https://portoncv.gov.cv/dhub/porton.por\\_global.open\\_file?p\\_doc\\_id=763](https://portoncv.gov.cv/dhub/porton.por_global.open_file?p_doc_id=763)
- Mok, Connie e Iverson, Tomas (2000). *Expenditure-based segmentation: Taiwanese Tourists to Guam*. Tourism Management 21, 299-305.
- Oliveira, Catarina F. Correia (2012). *Estudantes Migrantes na UA: Motivações e Necessidades*. Departamento de Línguas e Cultura, Lisboa: Universidade de Aveiro.
- Organização Internacional para as Migrações (2011). *Principais termos de Migração*. Acedido em 24 de Fevereiro de 2014, em <http://www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/about-migration/key-migration-terms-1.html#Migrant>
- Organização Internacional para as Migrações (2010). *Migração em Cabo Verde: Perfil Nacional 2009*. Acedido em 09 de Março de 2013 em [http://www.un.cv/files/Cape\\_Verde\\_Profile\\_2009.pdf](http://www.un.cv/files/Cape_Verde_Profile_2009.pdf)
- Organização Mundial do Turismo – OMT (1999). *Conta Satélite do Turismo: quadro conceptual*. Organização Mundial do Turismo (OMT), Madrid.
- Organização Mundial do Turismo - OMT (2000). *General guidelines for developing the tourism satellite account (TSA): measuring total tourism demand. Volume 1*. OMT, Madrid.
- Pardanov, Cleber Cristiano e Freitas, Ernani César (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico*. 3ª Edição. Rio Grande do Sul: Universidade FEEVALE.
- Pizam, Abraham e Reichel, Arie (1979). *Big Spenders and Little Spenders in U.S. Tourism*. Journal of Travel Research, 18, 42 - 43.
- Santos, Glauber Eduardo de Oliveira e Kadota, Décio Katsushigue (2012) *Economia do Turismo*. Brasil: Editora ALEPH, Lda..
- Silva, Adilma Zuleica Monteiro (2009). *Diplomacia e Integração dos Emigrantes Cabo-Verdianos*. Portalegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Spiegel, Murray; Schiller, John J. e Srinivasan, R. Alu (2009). *Probabilidade e Estatística*. Coleção Schaum, 2ª Edição. Artmed Editora.

- Spotts, Daniel e Mahoney, Edward (1991). *Segmentation Visitors to a destination region based on the volume of their expenditures*. Journal of Travel Research, 2, 24-31.
- Tavares, Paulino Varela (2010). *Remessas dos Trabalhadores Emigrantes e Impactos: Evidências para Cabo Verde*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- UNWTO (2012). *Tourism Highlights, 2012 Edition*. Acedido em 08 de Março de 2013, em [http://dtxtq4w60xqpw.cloudfront.net/sites/all/files/pdf/unwto\\_highlights13\\_en\\_lr\\_0.pdf](http://dtxtq4w60xqpw.cloudfront.net/sites/all/files/pdf/unwto_highlights13_en_lr_0.pdf)
- UNWTO (2012). *World Tourism Barometer (2012)*. Vol 10. Acedido em 08 de Março de 2013, em [http://dtxtq4w60xqpw.cloudfront.net/sites/all/files/pdf/unwto\\_barom12\\_06\\_nov\\_excerpt.pdf](http://dtxtq4w60xqpw.cloudfront.net/sites/all/files/pdf/unwto_barom12_06_nov_excerpt.pdf)
- Vicente, Paula; Reis, Elisabeth e Ferrão, Paula (1996), *Sondagens: A amostragem como factos de qualidade*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Vilelas, José (2009). *Investigação: O processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Zikmund, William (2006). *Princípios da pesquisa de marketing*. São Paulo: Edições Pioneira Thomson Learning.

# Anexos



Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais

Data de Chegada \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Data de Partida \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Este questionário enquadra-se num Projecto de Monografia que está a ser realizado no Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais (São Vicente) sobre: **Turismo e Emigração: Quantificação das despesas dos Emigrantes durante a estada na ilha de São Vicente**. Os resultados deste estudo poderão servir como um instrumento de apoio à tomada de decisão por parte das entidades, públicas e privadas, com responsabilidades no desenvolvimento do turismo em Cabo Verde.

A sua resposta a este questionário é muito importante para este trabalho de fim de curso. Como tal, solicitamos que responda de forma sincera às seguintes questões, sendo que todos os dados que disponibilizar são de total confidencialidade.

Agradecemos desde já a atenção dispensada.

#### Quem deverá preencher o questionário?

Pessoas com idade igual ou superior a 18 anos que:

- São naturais de Cabo Verde;
- Não se encontrem no seu local de residência nem de trabalho;
- Estejam a fazer uma visita à ilha de São Vicente com uma duração inferior a 12 meses consecutivos;
- O motivo da visita não seja o de exercer uma actividade remunerada neste local.

#### 1 – Caracterização da visita à ilha de São Vicente.

##### 1.1 Com que frequência costuma visitar a ilha de São Vicente?

- ☐ a) 1 vez por ano ☐ b) 2 a 3 vezes por ano
- ☐ c) Mais de três vezes por ano ☐ d) De 2 em 2 anos
- ☐ e) Raramente ☐ j) Outro (indique)? \_\_\_\_\_

##### 1.2 – Se visita raramente a ilha de São Vicente, indique as razões.

---



---



---

##### 1.3 – Em que altura do ano costuma visitar a ilha de São Vicente? (Assinale com X o mês que costuma visitar Cabo Verde)

- ☐ a) Janeiro ☐ b) Fevereiro ☐ c) Março ☐ d) Abril
- ☐ e) Maio ☐ f) Junho ☐ g) Julho ☐ h) Agosto
- ☐ i) Setembro ☐ j) Outubro ☐ k) Novembro ☐ l) Dezembro

##### 1.4 - Quando vem a Cabo Verde, que outras ilhas costuma visitar?

- ☐ a) Santo Antão ☐ b) São Nicolau ☐ c) Sal ☐ d) Boavista
- ☐ e) Maio ☐ f) Santiago ☐ g) Fogo ☐ h) Brava

##### 1.5 - Considera que os aspectos indicados na tabela seguinte foram motivos importantes para a visita a ilha de São Vicente? (Assinale com um círculo, em cada linha da tabela, a opção que mais corresponde à sua opinião)

1 – Discordo completamente; 2 – Discordo; 3 – Não concordo nem discordo; 4 – Concordo;  
5 – Concordo completamente

Motivos da visita à ilha de São Vicente	Avaliação				
Ter uma experiência que envolva desafios ou riscos	1	2	3	4	5
Aprender/expandir o conhecimento	1	2	3	4	5
Estar num ambiente calmo	1	2	3	4	5
Experimentar coisas novas	1	2	3	4	5
Conhecer-me melhor	1	2	3	4	5
Estar num ambiente diferente	1	2	3	4	5
Interagir com os residentes locais	1	2	3	4	5
Apreciar a paisagem	1	2	3	4	5
Estar próximo da natureza	1	2	3	4	5
Evitar as preocupações do dia a dia	1	2	3	4	5



Conhecer outras pessoas	1	2	3	4	5
Realizar actividades diferentes	1	2	3	4	5
Sentir-me livre para fazer aquilo que quero	1	2	3	4	5
Descansar	1	2	3	4	5
Estar com amigos	1	2	3	4	5
Melhorar as minhas capacidades físicas	1	2	3	4	5
Estar num ambiente não poluído	1	2	3	4	5
Estar com familiares	1	2	3	4	5
Ter uma experiência que envolva surpresa	1	2	3	4	5

1.6 – Quantos dias vai permanecer na ilha de São Vicente? \_\_\_\_\_

1.7 – Qual o meio de alojamento utilizado na ilha de São Vicente? (refira-se apenas a aquele com maior número de dormidas)

- ☐ a) Hotel - Qual? \_\_\_\_\_
 ☐ b) Pensão  
☐ c) Hotéis apartamentos
 ☐ d) Aldeamentos Turísticos  
☐ e) Residenciais
 ☐ f) Alojamento gratuito em casas de familiares e amigos  
☐ g) Alojamento turístico em residências secundárias (casa própria)
 ☐ h) Outro tipo de alojamento – Qual? \_\_\_\_\_

1.8 – Qual o principal meio de transporte utilizado durante a estada na ilha de São Vicente?

- ☐ a) Automóvel
 ☐ b) Autocarro
 ☐ c) Outro - Qual? \_\_\_\_\_  
☐ a.1) Próprio
 ☐ b.1) Carreira regular  
☐ a.2) Alugado
 ☐ b.2) Viagem organizada

1.9 – Quais das seguintes actividades pratica durante a sua estada na ilha de São Vicente? (Assinale com X cada uma das actividades que praticou)

- ☐ a) Visitar museus, monumentos de interesse histórico (ex: Réplica da Torre de Belém) e centros históricos  
☐ b) Fazer praia  
☐ c) Participar em actividades culturais (ex: teatro, festivais, feiras e exposições, etc.)  
☐ d) Visitar infra-estruturas recreativas (ex: locais lúdicos nocturnos, etc.)  
☐ e) Praticar actividades desportivas (ex: Mergulho, circuitos pedestres, escaladas)  
☐ f) Fazer compras  
☐ g) Participar em eventos religiosos  
☐ h) Participar em seminários, congressos e ou conferências  
☐ i) Participar em reuniões de negócios  
☐ j) Outras – Quais? \_\_\_\_\_

1.10 – Com quem está a visitar a ilha de São Vicente?

- ☐ a) Sozinho
 ☐ b) Com a família
 ☐ c) Com amigos  
☐ d) Com família e amigos
 ☐ e) Com colegas de trabalho
 ☐ f) Outras pessoas – Quais? \_\_\_\_\_

1.11 – Se está a visitar a ilha em família ou com amigos, é responsável pelas despesas de quantas pessoas? (para além de si) \_\_\_\_\_

1.12 – Destas, quantas são crianças com idade inferior a 15 anos? \_\_\_\_\_

2 – Gastos efectuados na ilha de São Vicente

2.1 – Está a visitar a ilha em viagem organizada (pacote de férias)?

- ☐ a) Sim
 ☐ b) Não – Se não, passe para a questão 4.4

2.2 – Indique os serviços que requisitou à Agência ou Operador Turístico

- ☐ a) Alojamento
 ☐ b) Alimentação
 ☐ c) Transporte para a ilha  
☐ d) Guias Turísticos
 ☐ e) Serviços culturais
 ☐ f) Serviços recreativos e desportivos  
☐ g) Outros serviços - Quais? \_\_\_\_\_

2.3 – Qual o montante que pagou à Agência de Viagens/Operador Turístico? \_\_\_\_\_

2.4 – Que companhias aéreas utilizou para viajar para Cabo Verde?

☐ a) TACV – Cabo Verde Airlines ☐ b) Outras – Quais? \_\_\_\_\_

2.5 – Qual foi o custo da viagem de transporte aéreo entre o seu país de residência e Cabo Verde (ida e volta) para todas as pessoas de que é responsável pelas despesas? \_\_\_\_\_

2.6 – Quais as DESPESAS DIÁRIAS EFECTUADAS NA ILHA DE SÃO VICENTE, por categoria de bens/serviços, para todas as pessoas de que é responsável pelas despesas?

Indique a divisa que utilizará: \_\_\_\_\_

Tipo de Despesas	Valores da despesa diária para o grupo
1 – Alojamento	
2 – Alimentação e Bebidas	
a) Despesas com a alimentação e bebidas realizadas em restaurantes, cafés, bares.	
b) Despesas com a alimentação e bebidas realizadas em unidades de alojamento, onde este tipo de despesa se encontra separado das despesas com o alojamento.	
c) Despesas na aquisição de produtos alimentares e de bebidas em supermercados, estabelecimentos <i>fast food</i> ou <i>takeaway</i> , ou em outro tipo de estabelecimento comercial que vende este tipo de produtos a retalho.	
3 – Transportes utilizados na visita à ilha de São Vicente	
a) Despesas em meios de transporte públicos (ex. táxi, ou autocarro)	
b) Aluguer de automóvel sem condutor ( <i>rent-a-car</i> ) (na ilha de São Vicente)	
c) Despesas com meios de transporte particular ou de aluguer (ex. combustível, reparações)	
d) Outras despesas com meios de transporte. Quais?	
4 – Actividades recreativas, culturais e desportivas.	
a) Visita a museus e outras actividades culturais	
b) Actividades desportivas	
b.1) Mergulho	
b.2) Outras	
c) Actividades recreativas (ex: em estabelecimentos de diversão nocturna)	
d) Outras	
5 – Compras	
a) Produtos Típicos	
a.1) Alimentação (ex: Queijo, doçaria tradicional, enchidos caseiros)	
a.2) Bebidas (ex: Aguardente e ponche)	
a.3) Artesanato (ex: trabalhos de tecelagem, pintura, trabalhos em madeira, linhos, bordados)	
b) Outros Produtos	
6 – Outras Despesas	
a) Serviços pessoais	
b) Telefone e outras comunicações	
c) Reparções de bens turísticos	

2.7 - Quanto gastou nas últimas férias em Cabo Verde? (colocar um valor aproximado)

Total \_\_\_\_\_ Euros

3 – Avaliação da ilha de São Vicente (Indique com X a opção que escolhe para cada item dos quadros seguintes)

3.1 – Por favor, indique como avalia o desempenho dos seguintes atributos da ilha.

Critérios de avaliação	Muito Mau (1)	Mau (2)	Razoável (3)	Bom (4)	Muito Bom (5)
1- Sinalética	1	2	3	4	5
2- Qualidade das infra-estruturas viárias	1	2	3	4	5
3- Animação nocturna	1	2	3	4	5
4- Informação turística	1	2	3	4	5
5- Segurança	1	2	3	4	5
6- Relação Qualidade/Preço do alojamento	1	2	3	4	5
7- Relação Qualidade/Preço da alimentação e bebidas	1	2	3	4	5
8- Relação Qualidade/Preço dos transportes	1	2	3	4	5
9- Relação Qualidade/Preço das actividades recreativas culturais e desportivas	1	2	3	4	5

3.2 – Em termos globais, como classifica o seu nível de satisfação com a visita à ilha de São Vicente?

Muito Insatisfeito (1)	Insatisfeito (2)	Médio (3)	Satisfeito (4)	Muito Satisfeito (5)

3.3 – Qual a probabilidade de recomendar Cabo Verde ao seu grupo de amigos naturais do seu país de residência?

Muito improvável (1)	Improvável (2)	Pouco provável (3)	Provável (4)	Muito Provável (5)

3.4 – Qual a probabilidade de recomendar a ilha de São Vicente ao seu grupo de amigos naturais do seu país de residência?

Muito improvável (1)	Improvável (2)	Pouco provável (3)	Provável (4)	Muito Provável (5)

4 – Caracterização do visitante

4.1 – País de residência \_\_\_\_\_ 4.2 – Em que ano emigrou \_\_\_\_\_

4.3 – Idade \_\_\_\_\_ 4.4 - Sexo ☐ a) Masculino ☐ b) Feminino

4.5 – Estado Civil

☐ a) Solteiro ☐ b) Casado ☐ c) Divorciado/Separado ☐ Outro. Qual? \_\_\_\_\_

4.6 – Habilitações literárias

☐ a) Menor que o ensino secundário ☐ b) Ensino secundário ☐ c) Ensino Superior (Licenciatura, mestrado, doutoramento)

4.7 – Situação perante o trabalho

☐ a) Empregado (a) ☐ b) Estudante ☐ c) Reformado (a)  
☐ d) Desempregado (a) ☐ e) Doméstico (a) ☐ f) Outra – Qual? \_\_\_\_\_

4.8 – Indique o número de pessoas do seu agregado familiar \_\_\_\_\_

4.9 – Adquiriu dupla nacionalidade

☐ a) Sim ☐ b) Não ☐ c) Outra – Qual? \_\_\_\_\_

4.10 – Qual o valor médio do rendimento líquido mensal do agregado familiar?

<p>a) Euro</p> <p><input type="checkbox"/> ] 0- 2.000]</p> <p><input type="checkbox"/> ] 2.000 – 4.000]</p> <p><input type="checkbox"/> ] 4.000 – 6.000]</p> <p><input type="checkbox"/> ] 6.000 – 8.000]</p> <p><input type="checkbox"/> ] 8.000 – 10.000]</p> <p><input type="checkbox"/> ] 10.000 – 12.000]</p>		<p><input type="checkbox"/> ] 12.000 – 14.000]</p> <p><input type="checkbox"/> ] 14.000 – 16.000]</p> <p><input type="checkbox"/> ] 16.000 – 18.000]</p> <p><input type="checkbox"/> ] 18.000 – 20.000]</p> <p><input type="checkbox"/> + 20.000</p>	<p>b) Outra moeda</p> <p>Rendimento _____</p> <p>Moeda _____</p>
--	--	--	--

Muito obrigada pela sua colaboração!